



Cristiane Dias

As matrioskas

Volume IV - vencedor na modalidade literatura juvenil





Volume IV . vencedor na modalidade literatura juvenil

Cristiane Dias

As matrioskas

 **EDUFES**

Vitória, 2021



**Universidade Federal
do Espírito Santo**



Editora Universitária – Edufes

Filiada à Associação Brasileira
das Editoras Universitárias (Abeu)

Av. Fernando Ferrari, 514
Campus de Goiabeiras
Vitória – ES · Brasil
CEP 29075-910

+55 (27) 4009-7852
edufes@ufes.br
www.edufes.ufes.br

Reitor

Paulo Sergio de Paula Vargas

Vice-reitor

Roney Pignaton da Silva

Chefe de Gabinete

Zenólia Christina Campos Figueiredo

Diretor da Edufes

Wilberth Salgueiro

Conselho Editorial

Carlos Roberto Vallim, Eliana Zandonade, Eneida
Maria Souza Mendonça, Fátima Maria Silva,
Graziela Baptista Vidaurre, Isabella Vilhena Freire
Martins, José André Lourenço, Marcelo Eduardo
Vieira Segatto, Marcos Vogel, Margarete Sacht
Góes, Rogério Borges de Oliveira, Sandra Soares
Della Fonte, Sérgio da Fonseca Amaral

Secretaria do Conselho Editorial

Douglas Salomão

Administrativo

Josias Bravim
Washington Romão dos Santos

Seção de Edição e Revisão de Textos

Fernanda Scopel, George Vianna,
Jussara Rodrigues, Roberta
Estefânia Soares

Seção de Design

Ana Elisa Poubel, Juliana Braga,
Samira Bolonha Gomes, Willi Piske Jr.

Seção de Livraria e Comercialização

Adriani Raimondi, Dominique Piazzarollo,
Marcos de Alarcão, Maria Augusta
Postinghel, Maria de Lourdes Zampier



Este trabalho atende às determinações do Repositório Institucional do Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufes e está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Preparação de texto

Jussara Rodrigues

Projeto gráfico e diagramação

Juliana Braga

Capa

Willi Piske Jr.

Revisão de texto

Fernanda Scopel

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Dias, Cristiane
D541m As Matrioskas [recurso eletrônico] / Cristiane Dias. - Dados eletrônicos. - Vitória : EDUFES, 2021.

153 p. - (4º Prêmio Ufes de Literatura ; v. 4)

ISBN: 978-65-88077-21-4

Também publicado em formato impresso.

Modo de acesso: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/774/>

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Título. II. Série.

CDU: 087.5

Elaborado por Perla Rodrigues Lôbo – CRB-6 ES-000527/O

Esta obra foi composta com
as famílias tipográficas PT Sans e PT Serif.

Literatura e universidade

A iniciativa de produzir textos literários é um gesto de criação artística movido pela força inventiva da sensibilidade, do conhecimento, de técnicas e vivências de cada autor. Nesse universo de criatividade, o Prêmio Ufes de Literatura torna-se uma ação importante consolidada na Universidade Federal do Espírito Santo. É uma ferramenta que impulsiona a criação literária e estimula a produção de textos em diferentes faixas: poesia, conto, crônica, romance, dramaturgia, literatura infantil e literatura juvenil. Em sua quarta edição, o Prêmio é referência para escritores veteranos e iniciantes da produção literária, contemplando públicos diversos, de todas as idades – de crianças a octogenários.

Para além do universo regional, o Prêmio atrai a atenção de participantes de muitos lugares. Em sua atual edição, alcançou o recorde de participações – 683 originais inscritos. Enviaram seus trabalhos escritores de 24 estados brasileiros e de nove países de quatro continentes. Vale o registro de que a nossa Universidade sediou as edições mais recentes da Feira Literária Capixaba, apontando para uma consistente política cultural que valoriza a produção regional e estimula a formação de novos leitores. Com o Prêmio Ufes de Literatura, a Universidade reafirma suas potencialidades para também fomentar a produção literária.

O concurso é organizado pela Edufes, que em sua produtiva trajetória de 24 anos possibilita maior visibilidade à produção acadêmica da Universidade e oferece fundamental contribuição para o compartilhamento do saber. Após terem a qualidade de seus trabalhos reconhecida e aceita em um concurso

de tamanha dimensão, creio que todos os participantes desta edição do Prêmio estão plenamente motivados a dar continuidade ao ofício da produção literária. A comunidade universitária, certamente, sente-se orgulhosa pelo trabalho de excelência desenvolvido pela competente e criativa equipe da Editora da Ufes. Parabéns a todos os participantes do Prêmio, aos escritores vencedores e, especialmente, à Edufes e às comissões julgadoras e de organização pela bem-sucedida realização.

Reinaldo Centoducatte

Reitor

Literatura e resistência

Em todo concurso de literatura, a vencedora sempre é a própria literatura. Hoje, e desde há algum tempo, com o mundo cada vez mais veloz, difícil se faz concorrer com a sedução das obras e tecnologias audiovisuais. A lida com a palavra – base, não excludente nem exclusiva, da arte literária – pede uma dedicação de tempo e atenção ao objeto, tempo que poucos querem ofertar ao livro. Também por isso se diz que escrever literatura (e ler literatura!) se assemelha a um gesto de resistência.

A Editora da Ufes deseja colaborar com tal gesto, realizando, oportunamente, este Prêmio de Literatura, agora na quarta edição. Tendo no horizonte que autores como Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa, para citar dois clássicos apenas, ainda desconhecidos concorreram a prêmios literários (e ganharam), a Edufes se sente imensamente feliz em estender suas ações no sentido de dar visibilidade a autores estreantes ou veteranos que (feito Drummond e Rosa) se dispuseram a participar do IV Prêmio Ufes de Literatura – 2019/2020.

É necessário destacar alguns aspectos fundamentais do Prêmio, sobretudo o fato de ter havido uma procura realmente bastante expressiva em todas as modalidades. Foram 683 originais inscritos nas seis categorias: 213 em Poesia, 156 em Contos e crônicas, 140 em Romance, 79 em Literatura infantil, 56 em Dramaturgia e 39 em Literatura juvenil. Escolher um vencedor em cada categoria não foi, decerto, tarefa tranquila para as comissões julgadoras. A propósito, a composição das comissões, contando com professores de reconhecida excelência e com vasta experiência no campo da leitura e da li-

teratura, do ensino e da crítica, amplifica extraordinariamente a valorização do prêmio de cada um dos seis contemplados.

Concurso sem fronteiras (ou seja, não restrito a capixabas), houve inscrições de quase todos os estados do Brasil (24, exatamente), além de 23 inscrições vindas de vários países (Angola, Cabo Verde, Canadá, Estados Unidos, França, Inglaterra, Japão, Moçambique, Portugal). Os lugares onde residem os seis escritores contemplados dão bem a mostra da diversidade de que se reveste o Prêmio: Brasília (DF), Criciúma (SC), Franca (SP), Recife (PE), São Paulo (SP) e Tennessee (EUA). Outro dado relevante nos diz que houve participantes entre 9 e 84 anos que colocaram suas obras para a apreciação das comissões, sinal de que a literatura se parece àquela quadra de João Cabral em “Menino de engenho”, de *A escola das facas*: “Menino, o gume de uma cana / cortou-me ao quase de cegar-me, / e uma cicatriz, que não guardo, / soube dentro de mim guardar-se.” – os escritores sabem que a literatura é esta cicatriz, mais ou menos à vista, que atravessa a vida de quem com ela se avém.

Muito ainda se poderia dizer a respeito do Prêmio, ou de cada uma das obras, e de seus enredos e de suas técnicas etc., mas esse movimento agora pertence ao mundo dos leitores e, por extensão, dos críticos. Se, entre tantos, foram estes os livros escolhidos, isso significa que há gume e engenho de sobra em cada obra. Para usar uma linguagem um pouco mais despojada, nosso desejo é que, página a página, vocês curtam cada livro como se curte uma música, uma comida, uma paixão.

Para que um Prêmio desse porte se realize, é necessário todo um apoio institucional, que passa pelo Conselho Editorial e por várias instâncias da Universidade, em especial a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e a Reitoria – da qual a Editora é órgão suplementar. Mas, sem a cumplicidade, o envolvimento, a competência, o rigor e a alegria da equipe da Editora da

Ufes, decerto este Prêmio não teria o êxito que teve e que, agora, com os livros publicados, se estenderá a outros campos e espaços.

Agradeço, então, de modo sincero e comovido, aos colegas & servidores públicos da Edufes: Douglas, Josias, Tânia, Washington (setor administrativo); Fernanda, George, Jussara, Roberta (setor de revisão); Ana Elisa, Juliana, Samira, Willi (setor de *design*); e Adriani, Augusta, Delu, Dominique, Marcos (setor de comercialização): valeu, valeu mesmo!

Em tempos obscurantistas e regressivos, de agora ou outrora, ler é resistir, resistir é insistir: boa literatura a todos!

Wilberth Salgueiro

Diretor da Edufes

Comissões

Membros da Comissão Organizadora:

Douglas Salomão (Edufes)

Fernanda Scopel (Edufes)

Wilberth Salgueiro (Edufes)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Contos e crônicas:

Marcelo Ferraz de Paula (UFG)

Maria Fernanda Garbero (UFRRJ)

Rafaela Scardino (Ufes)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Dramaturgia:

Andréia Delmaschio (Ifes)

Leni Ribeiro Leite (Ufes)

Marcelo Paiva de Souza (UFPR)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Literatura infantil:

Gabriela Rodella (UFSB)

José Nicolau Gregorin Filho (USP)

Paulo Roberto Sodré (Ufes)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Literatura juvenil:

Benedito Antunes (Unesp)

Fabiane Verardi (UPF)

Maria Amélia Dalvi (Ufes)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Poesia:

Diana Junkes (UFSCar)

Raimundo Carvalho (Ufes)

Susana Souto Silva (Ufal)

Membros da Comissão Julgadora da modalidade Romance:

Fabíola Padilha (Ufes)

Flávio Martins Carneiro (Uerj)

Marcus Vinicius de Freitas (UFMG)

Premiados

Modalidade Contos e crônicas

Ruínas, de Lúcia Nascimento (São Paulo)

Modalidade Dramaturgia

Sentença, de Eduardo Aleixo Monteiro (Pernambuco)

Modalidade Literatura infantil

As cores de Tó, de Flávia Ribas (Distrito Federal)

Modalidade Literatura juvenil

As matrioskas, de Cristiane Dias (Santa Catarina)

Modalidade Poesia

Ucideia, de Felipe de Oliveira Fiuza (Estados Unidos)

Modalidade Romance

A filha de Mrs. Dalloway, de Vanessa Maranhã (São Paulo)





Tinha alguma coisa muito errada ali.

– O que está acontecendo? – Rita largou a mochila no chão e foi em direção ao namorado. – Você está bêbado?

– Que patética você é, Ritinha. Você acha que eu vou ficar bêbado tomando isto aqui? – Levantou a garrafa, mostrando que tinha consumido mais da metade do conteúdo. – Eu preciso de uma coisa bem mais forte para ficar realmente bêbado. Isto aqui é só para poder aguentar você!

1

Rita colocou os fones de ouvido e procurou uma música na *playlist* do celular. Malu dizia que ela tinha gosto musical de gente velha, porque gostava das músicas dos anos 80 e 90. A escolhida foi *Patience* do Guns N' Roses.

Paciência. Era tudo de que precisava.

Não via a hora de as aulas terminarem. No primeiro e no segundo ano tinha estudado pela manhã, treinado vôlei à tarde e feito aulas de pintura. Nessa época, já sabia que um dia a “vida boa” ia acabar: teria que trabalhar para pagar um curso superior e se incumbir de outras responsabilidades. Só não imaginava que elas iam chegar justamente no último ano do ensino médio. Da pior forma possível. Tudo em um piscar de olhos.

Na última semana de janeiro daquele ano, o pai falecera. Quarenta e cinco anos de idade. Nunca ia ao médico e se orgulhava disso. Dizia que ia viver muito, igual ao pai dele, saudável aos oitenta anos. Então aconteceu. Infarto fulminante. Falaram que ele não sofreu, mas ela estava sofrendo. Ela, o irmão Davi, a mãe e o avô.

Por se achar eterno, o pai não se preocupou com algumas questões práticas. Faltou planejamento, não tinha caderneta de poupança, nem fizera uma contribuição maior para a previdência social. A pensão que passaram a receber depois que ele morreu mal cobria os gastos. Daí, a saúde do avô piorou, a catarata evoluiu para cegueira. A mãe teve que parar de trabalhar e Rita assumiu a tarefa de sustentar a casa.

Conseguiu emprego como repositora em um supermercado durante o dia e foi estudar à noite. Deu adeus às aulas de pintura e ao treino de vôlei. Estava sempre cansada e nem se animava a participar das aulas de educação

física. Ganhou uns quilinhos. E começou a namorar o Beto, que não era o namorado mais carinhoso do mundo. Longe dos amigos, era atencioso, mas bastava estar junto deles para se transformar: ria de coisas idiotas que os caras diziam, fazia um monte de bobagens para eles rirem. Sem contar as inúmeras vezes em que humilhou a namorada por pura diversão. Rita quis terminar, ele jurou que mudaria. Não mudou. Sem disposição para discutir, brigar, terminar, ficar sozinha, conhecer outra pessoa e começar tudo de novo, preferiu continuar namorando Beto.

Seis meses se passaram, e a vida de Rita se resumia a trabalhar durante o dia, estudar à noite, namorar sem estar apaixonada e lutar para levantar cedo da cama. Acordar pela manhã para ir à escola nunca tinha sido um problema, mas antes dormia às nove horas no máximo. A nova rotina obrigava que ela saísse cedinho da cama e fosse dormir por volta das onze e meia. O cansaço e o frio de julho castigavam seu corpo. E a saudade do pai castigava sua alma.

Meia hora. Esse era o tempo que o ônibus levava de casa até o supermercado. Enquanto ouvia música, observava o casal sentado no banco da frente, um rapaz e uma garota que sussurravam no ouvido um do outro, trocando sorrisinhos e beijos. Quando a menina se aconchegou nos braços do namorado, Rita fechou ainda mais o zíper do casaco de lã preta e puxou o cachecol para mais perto do rosto numa tentativa de aquecer as bochechas. Pensou em como era boa a sensação de calor que vem de um abraço.

Virou-se para a janela e ficou vendo as imagens passarem rápido diante de seus olhos enquanto matutava que deveria baixar mais músicas no celular. Quem sabe daria uma chance a outros estilos musicais. Ia aproveitar o

wi-fi do supermercado, mais rápido e de graça, e atualizar a *playlist* na hora do almoço. Recordou os dias em que, depois do treino, costumava ir àquele mesmo supermercado com as amigas comprar qualquer bobagem para comer na volta para casa. Não imaginava que ia trabalhar lá, preenchendo prateleiras das oito da manhã às seis da tarde.

Quando o horário do almoço chegou, ela encontrou um lugar calmo para descansar, ouvir música e trocar mensagens com Malu. A amiga trabalhava em uma padaria, e, apesar de ser linguaruda e cabeça-quente, o dono não a mandava embora porque ela era muito competente: atendia aos clientes, ajudava no caixa, carregava até saco de farinha nas costas se fosse preciso. Também era superbrincalhona, mas, naquela noite, como teriam prova de português, Malu estava enlouquecida. Quando se tratava da língua portuguesa, a amiga era um desastre, sempre patinando para conseguir tirar a média nas provas e nos trabalhos.

2

Quando o expediente acabou, às dezoito horas, Rita trocou o uniforme do supermercado pelo da escola. Logo em seguida recebeu uma mensagem de Malu: ia chegar à escola perto das sete por causa do movimento na padaria.

Com o frio que fazia, Rita pensou que seria ótimo passar uns minutos abraçada com o namorado antes de o sinal tocar. Sentado no banco de cimento perto da cantina, estava Beto rodeado por alguns dos amigos dele. Amigos com os quais ela não simpatizava. Rita se aproximou e ele continuou o que estava fazendo: falando sobre cilindradas, motores e motos que chegavam para o conserto na oficina do pai. Quando os amigos saíram é que ele prestou atenção nela. Era sempre assim: primeiro as motos, os amigos e, por último, ela.

— Oi! — Pegou a mão de Rita e puxou a garota para junto de si.

— Estava te ouvindo falar das motos...

— Caramba! Esqueci de falar pro Vini que eu vou comprar uma moto. Já está tudo certo. O cara ofereceu lá na oficina, ele está apertado, querendo a grana logo. Tenho que contar pra ele.

— Pode contar pra mim. Não sou sua namorada? — disse Rita com delicadeza. — Mas... você não tem dezoito anos ainda, nem vai poder...

— Tá vendo porque não te conto nada? Em vez de você ficar feliz, fica me criticando!

— Eu não estou te criticando, pelo amor de Deus! Só estou dizendo que você não tem carteira de motorista, a polícia pode te pegar, apreender a moto... Eu só estou pensando no seu bem.

— Eu sei o que é melhor pro meu bem, tá? Não tenho medo da polícia, não tenho medo de andar de moto, não estou ligando se não tenho carteira. Quer

saber? Vou lá falar com o Vini. Aproveita pra ficar com aquela chatinha da Malu. Ela tá vindo aí.

Antes de Malu chegar, Rita conseguiu enxugar as lágrimas.

— Ainda bem que aquele insuportável já foi. Sinceramente, não sei como você aguenta. Se fosse eu, já tinha feito a fila andar... Peraí, você tá chorando?

— Não — disse com voz engasgada.

— Rita de Cássia! Eu não acredito. Você está chorando por causa daquele cara? Ele é um babaca! Ele te faz de boba! Você merece um cara legal.

— Deixa pra lá, Malu. Quer revisar a matéria da prova? Faltam dez minutos.

Na sala os alunos já estavam preparados para a prova. Rita sentava na quarta carteira, na fila da parede, e Malu, na segunda carteira da fila ao lado. A professora passava as instruções da prova quando bateram na porta. Era a diretora.

— Com licença, professora. Temos um aluno novo para esta turma. Pessoal, este é o Jeffer.

Ele se sentou na primeira carteira da fila da parede. Sem perder tempo, Malu virou-se para Rita e ficou articulando as palavras, sem emitir som:

“Ele. É. Um. Ga-ti-nho”.

Rita fazia gestos, como se não estivesse entendendo.

“Ele. É. Um. Ga-ti-nho”.

— Maria de Lurdes, por favor, vire-se!

Se a professora soubesse o quanto a amiga detestava o próprio nome...

“Jeffer... Que nome diferente”, pensou Rita.

E tinha que concordar com a amiga: ele era um gatinho.

3

No intervalo, enquanto Beto se entretinha com os amigos, Malu e Rita conversavam sobre as novas cores de esmalte, discutindo se coral estava mais para laranja ou salmão, quando escutaram:

— Vou morrer sem saber qual é a diferença entre laranja, coral e salmão. Só mesmo mulher pra saber isso.

Era Jefter. Sorria constrangido por ter se intrometido na conversa.

— E como você chamaria esta cor, então? — perguntou Rita, estendendo as mãos e mostrando o esmalte nas unhas.

— Rosa? — indagou Jefter, levantando os ombros.

As bochechas dele ficaram rosadas, realçando ainda mais os olhos verde-escuros.

— Lamento, mas você vai morrer sem saber a diferença — respondeu Malu, e todos caíram na gargalhada. Rita não lembrava se alguma vez havia rido tanto com alguém que tinha acabado de conhecer.

Na saída da escola, Jefter se despediu das garotas e foi embora a pé, dizendo que morava perto. Malu partiu também. Enquanto aguardava o ônibus, Rita sentiu braços enlaçarem sua cintura e tomou um susto, era Beto. Voltou a ser carinhoso, sorridente, nem parecia o mesmo de horas atrás. Seus amigos já tinham ido embora, cada um em uma moto. Em breve Beto compraria a sua também, tão sonhada, e talvez se oferecesse para levar Rita para casa. Ou talvez simplesmente subisse na moto e partisse com os amigos.

No dia seguinte Beto não foi à escola. Apesar de não ser um aluno muito dedicado, não faltava às aulas por qualquer motivo. Naquele dia, Rita sabia o porquê. Malu também não apareceu, mas enviou uma mensagem:

Não vou hj, bjs

Na porta da sala, Rita encontrou Jefter comendo chocolate. Ele a cumprimentou e ofereceu uma barra de chocolate pequena, que retirou do bolso do casaco. Ela aceitou o presente com um misto de alegria e ansiedade. Agradeceu, disse que comeria mais tarde. “Sozinha”, pensou. Não iria dividi-la com ninguém.

— A sua amiga não veio hoje?

— Não, hoje não.

— E o seu namorado?

— Também não.

— Então hoje você é minha — falou de um jeito malicioso.

Rita foi pega de surpresa, tinha certeza de que seu rosto estava vermelho. Jefter percebeu o embaraço da garota.

— Não precisa ficar com vergonha.

— Não estou. — Mas o vermelhão em seu rosto dizia o contrário.

— Vamos mudar de assunto. Eu te vi no mercado hoje.

— Que horas? — perguntou espantada.

— Hoje à tarde. Fui comprar umas coisas pra minha vó. Você estava tão concentrada arrumando pacotes de fralda na prateleira... Não quis te atrapalhar.

— Não iria atrapalhar. Você podia fingir que era um cliente.

— De fraldas para bebê?

A risada deles chamou a atenção da turma.

— Você mora aqui perto, Rita?

— Não. Moro em outro bairro. Você mora aqui perto, né?

— Sim. Com minha avó. Ela é viúva. Estou passando um tempo na casa dela. Meus pais estão se separando e eu sinto que estou atrapalhando. Sabe, é complicado.

Rita não sabia, mas podia imaginar.

— E você? Como é a sua família?

— Eu moro com minha mãe, meu irmão e meu avô.

— E seu pai?

— Faleceu.

O silêncio ficou constrangedor.

— E o seu namorado? Há quanto tempo vocês namoram?

— Uns três meses.

— Acho que vocês não conversam muito, né? Ontem você passou o intervalo com a sua amiga...

— Nós discutimos, depois fizemos as pazes. Hoje ele não veio, nem me mandou mensagem, mas o Beto é assim mesmo. Ele não se importa com o celular, mas é louco por motos. O pai dele tem uma oficina. Desconfio que ele comprou uma moto hoje.

— Você gosta de motos?

— Eu? Não... Peguei carona uma vez e detestei. Morro de medo.

Rita não se sentia confortável conversando com Jefter sobre Beto. Começou, então, a olhar o celular, procurando por mensagens de Malu. Jefter chamou sua atenção.

— O que você acha? — Jefter segurava uma bonequinha de feltro, colorida, costurada à mão.

— Matrioska!

- Você conhece?
- Sim, são as bonequinhas russas. Onde você comprou?
- Minha avó faz, e eu ajudo. Coloco o enchimento e costuro.
- Ela vende?
- Na verdade, eu vendo. Pela internet.

Rita ficou encantada: ele era perfeito. Simpático, engraçado, costurava bonecas de feltro. Certamente tinha uma namorada tão legal quanto, porque ele não parecia ser o tipo de cara que namora uma garota insossa. Podia apostar que era para ela que Jefter ficou enviando mensagens durante o restante da aula.

No final da aula, ele acompanhou Rita até o ponto e só foi embora quando ela estava dentro do ônibus. Na volta para casa, a garota pensava no colega enquanto comia o chocolate, pedacinho por pedacinho. Chegou na sua parada quase sem se dar conta.

Ela tinha que andar uma quadra, passando em frente a um terreno baldio. Geralmente outras pessoas desembarcavam com ela, mas, naquela noite, talvez por causa do frio, as ruas estavam vazias, e ela foi para casa sozinha. Dobrou a esquina e avistou a luz da varanda de casa acesa, quase uma das últimas da rua.

Ouviu o barulho de uma moto. Diminuiu o passo, certa de ser o namorado exibindo seu “brinquedinho”. A moto não parou, ao contrário, acelerou em sua direção como se quisesse atropelá-la. Chegou perto, desviou, deu a volta e acelerou em sua direção novamente.

- Para, Beto, você vai me atropelar!

Ela não conseguiu identificar quem pilotava por causa do capacete preto com viseira e da roupa preta de lona, geralmente usada em dia de chuva. A moto era comum, daquelas que se vê aos montes nas estradas. Então se deu conta de que podia não ser o namorado. A moto voltou. Rita correu. Correu

com todas as forças, esquecendo-se até de respirar, deixando pelo caminho livros e mochila. Entrou na primeira casa com o portão aberto, a casa de sua vizinha. A moto desapareceu na noite.

Solidária, a vizinha ofereceu vários copos de água com açúcar até Rita ficar mais calma e ir para casa acompanhada pela mãe.

— Rita, era o Beto naquela moto?

— Não dava pra ver, mãe. — Rita falava e torcia as mãos.

— Eu não estou gostando desse rapaz, Rita. Vocês estão namorando e ele nem veio conversar comigo direito. Agora compra uma moto, nem tem idade de dirigir e faz uma coisa dessas.

— A gente não sabe se foi ele, mãe.

— Espero que não tenha sido. — A mãe ia andando para o quarto. — Espero que não. Toma o chá que preparei, toma banho e vai dormir.

Rita fez quase tudo: tomou chá e banho. Só não conseguiu dormir.

4

— Eu não acredito! Aquele idiota passou dos limites!

— Malu, eu não sei se foi ele...

— Muita coincidência, né? Bem no dia em que ele compra uma moto, um motoqueiro quer te atropelar... Qual é a moto dele?

— Eu não sei! Ele não veio pra aula ontem...

— Tá vendo? Por que ele não veio pra aula?

— Não sei...

— Estacionamento já. — Malu puxou Rita pelo braço. — Quero ver a moto dele.

— Malu, eu já disse que não sei...

— Anda, vem!

As duas foram ao estacionamento da escola.

— Malu, eu já disse, eu não sei o tipo de moto que ele comprou, eu não v...

Beto passou pelo portão em uma moto preta. Usava capacete preto, luvas, jaqueta preta. Rita lutava com seus pensamentos, seus sentimentos, e as lágrimas corriam pelo rosto.

— Foi ele, não foi, Rita?

— Eu não sei... O motoqueiro usava uma roupa de lona preta, não dá pra dizer se foi ele... — Rita se virou e correu para a escola, direto para o banheiro. Não queria falar com ninguém.

Malu esperou Beto descer da moto e tirar o capacete.

— Beto, eu te conheço bem antes da Rita e nunca fui com a tua cara. Você não vai com a minha cara e eu não dou a mínima. Mas a Rita... não merece o que você está fazendo. O que você quer, Beto? Matar ela?

— Você é louca? A Rita agora quer morrer só porque eu comprei uma moto e não tenho carteira?

— Não, seu babaca. Ela está assim porque você quase atropelou ela!

— Atropelei? Quando? Hoje é o primeiro dia que eu estou vindo de moto!

— E por que não veio ontem? Tava fazendo o quê?

— Eu? Dando uma volta com o pessoal... e... não te interessa o que eu estava fazendo, sua intrometida.

— Ah, então é isso! Foi dar uma volta na moto nova e resolveu atropelar a Rita, só pra debochar dela na frente dos seus amigos. Bem a sua cara fazer isso!

— Eu nem sei do que você está falando!

— Você sempre faz isso, né, Beto. Tirar sarro dela na frente dos seus amigos, não dar bola pra ela... Você é um babaca! Ba-ba-ca!

— Para de ficar me xigando e me explica direito essa história.

— É bem isso que você ouviu: tentaram atropelar ela de moto. Uma pessoa, numa moto, na rua da casa dela. Foi por pouco, sabia?

— E ela acha que fui eu? Dá um tempo!

— Dá um tempo você! Vai lá conversar com ela.

O sinal tocou e Beto sumiu em meio ao grupo de alunos que se aglomeravam no portão da escola.

5

Quando Malu entrou na sala, Rita conversava com Jetter. Vendo os dois juntos, Malu alimentou a esperança de que eles, em pouco tempo, formariam um casal. Um casal lindo. Aquele casal de baile de formatura de filme americano. Imaginou a amiga com um vestido de gala, coroa e uma faixa com a palavra “princesa” escrita em letras douradas.

— Malu, tá viajando? Eu já li três vezes a pergunta e você ainda não achou a resposta do livro? Acorda! — A colega com quem estava fazendo dupla no trabalho de história tinha razão.

Alguém bateu à porta da sala.

— Com licença, professor. — Era a diretora. — Temos um aluno novo.

— E qual é o nome do aluno novo? — perguntou o professor.

— Marcus — respondeu o garoto e foi se sentar na última carteira da fila do meio.

Mesmo com a cabeça escondida no capuz do moletom, dava para notar seus cabelos pretos e curtos. Sua pele era de um tom moreno claro. Malu não deixou de reparar em como era bonito. Marcus colocou a mochila em cima da mesa e pôs os fones que trazia pendurados. Usava bermuda larga até o joelho com bolsos nas laterais e tênis, como aqueles dos esquetistas, e não ficaria surpresa se o *skate* dele estivesse na sala da direção, junto de outros que os alunos insistiam em trazer para a escola.

— Ele não veio falar com você? — reparou Malu, indignada. — Ele é mesmo um babaca.

— Deixa pra lá, Malu. Quer saber? Você tinha razão. Eu já devia ter terminado esse namoro. Você contou o que aconteceu comigo e ele nem veio perguntar se eu estava bem. Já estou cansada. Por mim, está tudo acabado.

— Aleluia! Alguém finalmente me ouviu! Agora você está livre e pode conhecer melhor um certo aluno...

— Vai com calma, Malu.

— E, por falar nisso, você reparou no aluno novo? Outro ga-ti-nho. Faz o estilo *bad boy*. As meninas das outras turmas já estão reclamando, sabia? “Por que os alunos novos vão todos para aquela turma?”, escutei uma delas falando.

— Ciúmes...

O sinal tocou. Malu, Rita e Jefter seguiram pelo corredor em direção à saída. No tumulto dos alunos que andavam apressados para pegar o ônibus, Jefter levou um esbarrão no braço que quase o carregou junto. Aquela cabeleira de um louro quase branco era inconfundível: Deborah. Ela virou-se para encarar as garotas com os olhos azuis carregados de lápis e rímel preto. E para olhar Jefter, claro.

Todos na escola conheciam Deborah. Ela estudava na mesma sala de Beto, mas não dava a mínima para os rapazes de lá. Era o tipo de garota descolada: ia às festas, bebia muito e não respeitava regras. Dizem que estudava em uma escola particular, mas aprontou e acabou sendo convidada a se retirar. Poucas vezes Beto falou a respeito dela e, quando comentou

algo, limitou-se a dizer que era uma excelente aluna, com as notas mais altas da sala. Talvez por ter estudado em escola particular antes, o inglês dela era perfeito, a ponto de ensinar à professora como pronunciar as palavras. A professora, claro, não gostava.

Rita decidiu que teria uma conversa definitiva com Beto. Estava pensando em dizer coisas do tipo “não está dando certo”, “somos muito diferentes”, “podemos continuar sendo amigos” quando os viu. Deborah conversando com Beto. Desde quando eles conversavam?

Ela falava e ele sorria. Ele olhava para ela e prestava atenção em cada palavra, como se ninguém mais existisse. Ela mexia no cabelo longo e platinado. Sorria. A calça do uniforme colada e a jaqueta de lã justa caíam perfeitamente no seu corpo. Rita, Malu e Jefter a viram subir na garupa da moto e abraçar Beto pela cintura. Ele ofereceu o capacete à garota, mas ela recusou. Ele também não colocou o capacete, em vez disso, pendurou-o no braço. Ligou a moto e partiram. Uma onda de cabelos loiros esvoaçou.

- Rita... — Malu ia tentar falar alguma coisa para consolar a amiga.
- Não precisa dizer mais nada, Malu. Definitivamente, acabou.

6

Nas duas semanas que se seguiram, Beto ignorou Rita completamente, como se nunca tivesse existido nada entre eles, e passou a escoltar Deborah por todos os lados, feito um guarda-costas. Rita e Jefter ficaram mais próximos e ele pediu para ser chamado de Jef. Malu dizia o tempo todo que eles formavam o casal mais lindo da escola. E Marcus passou a andar com uma turma realmente da pesada, alunos de outras turmas, tão sinistros quanto ele.

Para comemorar o dia do estudante, a escola suspendeu as aulas e organizou uma semana de jogos. Incentivada por Jef, Rita jogou vôlei e não fez feio: ajudou sua turma a ser campeã. Jef ficou o tempo todo a incentivando, aplaudindo, trazendo água, toalha para secar o rosto, e fotografou a entrega das medalhas.

Na sexta-feira, último dia dos jogos, todos se reuniram para assistir às finais do futebol masculino. Refletores iluminavam o campo, mas havia cantos e espaços mais escuros onde os casaizinhos aproveitavam para ficar mais à vontade, sem que os professores os repreendessem. Em um momento do jogo, Jef pegou Rita pela mão e a convidou para dar uma volta. Quando retornaram, todos já haviam percebido que um novo casal de namorados estava formado.

Jef e Rita combinaram de se encontrar somente na escola. Ela queria um tempo para que o namoro vingasse e ainda tinha que pensar em uma maneira de contar a novidade para a mãe. Passou o final de semana inteiro trocando mensagens com o namorado e contando os minutos para encontrá-lo na escola na segunda-feira. Jef esperou por ela fora da sala de aula. Depois do beijo, sentaram-se em um banco.

— Quero te dar uma coisa. — E entregou a ela um pacotinho de presente.
Era uma matrioska.

— Pedi pra minha vó fazer pra você.

— É linda! Sabia que eu fiquei querendo uma destas desde aquele dia que você me mostrou?

— A gente recebeu um pedido grande dessas bonequinhas de feltro e estou ajudando. Está uma loucura. Ela costurando, eu colocando o enchimento e fechando. Na próxima semana vamos fazer nossa primeira entrega.

— Acho tão legal você ajudar sua vó. Será que um dia vou conhecê-la?

— Vai conhecer sim, com certeza.

7

Miga, não vou pra escola hj.

Malu teve que olhar duas vezes para ter certeza de que a mensagem era mesmo de Rita. Nem lembrava se alguma vez a amiga tinha faltado à aula.

O q aconteceu?

Nada, depois te conto. Bjs.

Mensagem misteriosa aquela. Mas não insistiu. Se ela disse que contava depois, ela contava depois. Nem que para isso tivesse que usar tortura.

Na aula de geografia a professora pediu que os alunos formassem duplas para fazer uma atividade. Quando Malu pensou em convidar uma colega, Marcus já tinha puxado a carteira e sentado ao seu lado.

— Já que sua amiga não veio, posso fazer a atividade com você?

Malu nem podia acreditar que ele estava sentado bem ao seu lado e conversando com ela. E, para sua surpresa, era simpático! E inteligente. E sorria com dentes perfeitamente alinhados e brancos.

— A sua amiga te deixou na mão hoje, né?

— Na verdade, depois que ela e o Jef começaram a ficar, a gente quase não faz mais nada em dupla, só quando o trabalho é em grupo.

— Faz tempo que eles namoram?

— Umas duas semanas, mais ou menos. Antes ela namorava o Beto, do segundo ano, mas ele é um babaca. Você acredita que ele comprou uma moto e depois tentou atropelar ela? Pelo menos o Jef é um cara legal.

Marcus franziu a testa. Malu repetiu:

— É isso mesmo, ele comprou a moto, se vestiu de preto e tentou atropelar ela. Ele jura que não foi ele, claro. Mas eu sei que foi.

— E onde é que eles estão, a Rita e o namorado?

— Não sei. Ela disse que me contava depois.

A poucos minutos de terminar a aula, Malu recebeu uma mensagem:

Estou aqui fora, me encontra no ponto.

A caminho do ponto de ônibus, Malu viu vários casais, entre eles Beto e Deborah, tão agarrados que, de longe, pareciam um. Ainda não conseguia entender muito bem aqueles dois juntos, parecia que não combinavam.

Rita estava sozinha. Ela sorria, mexia nos cabelos e, assim que chegou mais perto, abraçou a amiga e sussurrou em seu ouvido:

— Foi a nossa primeira vez.

— Me conta tudo!

— Você está louca? Não sabe o que a palavra “intimidade” quer dizer?

— Sei! Não precisa ser nos mínimos detalhes, mas eu quero saber.

— Ele foi tão carinhoso, foi tão... — E deu um suspiro profundo.

— Eu acredito. Ainda bem que a sua primeira vez não foi com o Beto Babaca... — Agora o ex tinha até apelido.

— Malu, eu estou com medo.

— Ai, Jesus! Vocês não usaram camisinha!

— Para! A gente usou camisinha, não é nada disso.

— Pelo amor de Deus, o que é, então?

— Eu estou apaixonada. Apaixonada demais. É por isso que eu estou com medo.

Malu apertou forte os lábios até não aguentar mais e explodir em uma gargalhada. Aliviada, Rita começou a rir também. De tanto rirem, as duas

ficaram com os olhos marejados. Elas se abraçaram e se despediram, porque o ônibus de Rita já estava saindo. Assim que se sentou, Rita ouviu o celular assoviar.

*Esta noite estarei sonhando com os
anjos, porque estarei sonhando com você*



Retornou a mensagem com o desenho de um anjo e um beijo. Guardou o celular na mochila, porque, se continuasse a escrever, acabaria fazendo declarações de amor. Não queria demonstrar que estava tão apaixonada. Não tão cedo.

O ônibus rodou alguns metros, parou, voltou a se mover bem devagar. À frente, ela identificou luzes e depois carros da polícia, que fazia uma *blitz*. Sobre um caminhão estavam várias motos apreendidas. Parado, ao lado de um policial, estava Beto. Quando o ônibus passou, ele levantou a cabeça e seus olhos se cruzaram. Achou estranho Deborah não estar ali, pois, minutos antes, Rita os havia visto colocar o capacete e sair da escola de moto. Sabia o quanto a garota era interesseira. Agora Beto estava sem sua amada moto. E provavelmente sem Deborah.

8

Malu, preciso falar com vc.

Malu, vc está aí?

Só vi agora. O que foi?

Assaltaram a minha casa

Meu deus

Como foi que aconteceu?

Foi de tarde. A mãe foi pagar contas, o Davi tava na escola e o vô tava sozinho em casa. Entraram pela janela de trás da cozinha e o vô tava escutando rádio

Meu deus

Fizeram alguma coisa com ele?

Não

Entraram no meu quarto, mexeram em tudo, no quarto da mãe também. Quando o vô ouviu um barulho, ele chamou o vizinho, mas o ladrão já tinha ido embora

Viram quem foi?

Não, mas viram uma moto

Não acredito que ele foi capaz de fazer isso, tem que dizer pra polícia

*Não foi ele.
Vi que a polícia prendeu a moto dele
ontem na blitz*

Tem certeza?

*Tenho. Eu vi
A mãe me mandou um monte de
mensagens e me ligou, mas eu estava
com o Jef*

E o que vc falou pra ela?

*Que o celular tinha acabado a bateria,
mas ela ficou chateada porque o vô
ficou nervoso, aumentou a pressão dele*

Que barra, amiga

*Nem me fala... mexeram em tudo
no meu quarto, acho que queriam
dinheiro, mas eu não tenho*

*Levaram uma correntinha de ouro com
pingente de R que eu ganhei do meu
pai nos meus 15 anos*

Puxa, mas que coisa, né

*Vou dormir porque amanhã vai ser um
dia daqueles. Bjs*

Bjs

A gente conversa amanhã

9

Rita chegou atrasada e só pôde entrar na segunda aula. Malu e Marcus estavam sentados do lado um do outro. Foi a vez de Rita ficar surpresa em ver os dois juntos, pois Malu sempre comentava que ele era bem sinistro. Rita foi se juntar a eles.

— O Jef não vem hoje?

— Ele ficou em casa, porque teve que ajudar a vó com umas encomendas. Acabei de voltar de lá. Até pensei em ficar e ajudar, mas ele insistiu para eu vir, não queria que eu perdesse a aula. E ainda pediu para eu anotar a matéria pra ele. Espertinho, né?

— E como estão as coisas na sua casa? O que a polícia disse?

— Estão mais calmas. A mãe vai tentar deixar alguém em casa com o vô quando tiver que sair de novo. — Abaixando a voz. — A mãe não chamou a polícia. Ela deixou o vô sozinho, ele é cego, ela acha que a polícia poderia prendê-la.

— Mas e a sua correntinha?

— Já era. Mas não levaram mais nada de valor.

Marcus, que até então não tinha participado da conversa, perguntou a Rita:

— Você contou pro seu namorado que sua casa foi assaltada? E o que ele disse?

— Ele disse que foi o melhor que a minha mãe fez, porque esse lance de deixar uma pessoa idosa sozinha poderia dar problema. Disse pra eu não ficar triste, porque ia tentar encontrar uma correntinha igual à que foi roubada.

— É, mas o problema foi o cara da moto. E se foi ele, o mesmo cara? — observou Malu.

— Moto? — Marcus apertou os olhos, unindo as sobrancelhas. — O mesmo que tentou te atropelar?

Rita arregalou os olhos. “Como ele sabia daquela história? Malu! Só podia ter sido a linguaruda da Malu.”

— Sim, mas está tudo bem agora. Deve ter sido coincidência.

Rita mal conseguiu se conter até o recreio.

— Malu, você contou pra ele a história da moto? A gente nem o conhece. Ele é meio sinistro, anda com uns caras bem barra-pesada.

— Eu sei, eu sei. Mas nós fizemos trabalho juntos ontem, e mudei minha opinião sobre ele. Acho que a gente se enganou.

— Você está derretidinha pelo Marcus. Quem diria que você gostasse de caras maus...

— Não me chateia! Mas me conta, vai, como é a casa do Jef?

— A casa é da vó dele. É bonita, grande para duas pessoas morarem. Três, na verdade. Tem uma cuidadora que fica o tempo todo lá. Eu conheci a vó, uma senhora bem simpática. Mas nós ficamos mesmo foi na garagem.

— Ele te levou pra garagem?

— A garagem é praticamente uma casa, quase do tamanho da minha. Como não tem carro, Jef transformou a garagem no espaço dele. Você precisava ver, é incrível, tem tudo: sofá, televisão grande, *video game*, geladeira, pia, caixa de som, guitarra, banheiro, uma cama...

— Já entendi tudo.

Quando se deram conta, Marcus estava atrás delas. Chegou tão sorrateiramente que as duas nem faziam ideia do quanto da conversa ele tinha ouvido.

— Aceitam uma bala?

Ele estendeu algumas balas de cereja para as garotas, elas aceitaram meio sem-graça. Nas duas aulas seguintes, enquanto os três faziam atividades de química, as duas aproveitaram para saber mais informações do rapaz. Descobriram que ele veio de outra cidade, que morava de favor na casa da irmã e

que estava desempregado. “À procura de emprego”, corrigiu ele. Já devia ter terminado o ensino médio há muito tempo, mas não era chegado a estudar. Tanto Rita quanto Malu ficaram surpresas em saber que um cara inteligente, bonito e — descoberta recente — simpático era tão “sem futuro”, mas não puderam deixar de notar algumas contradições na história: Marcus usava jaquetas de marcas famosas e caras, tênis da moda e o celular era o último lançamento. Onde um cara desempregado conseguia dinheiro para tanto? Chegaram à conclusão de que ele vendia drogas. Combinaram de ficar atentas e de não aceitar mais nada que ele oferecesse, por precaução.

Rita embarcou no ônibus e logo pegou o celular para matar um pouco a saudade do namorado. Não deu tempo.

— Oi!

— Oi... — Rita levou um susto, não esperava encontrá-lo no mesmo ônibus e, ainda, não esperava que ele se sentasse ao seu lado. — Aonde você está...?

— Indo? Para a casa de um amigo.

Sentado tão perto, Rita não pôde deixar de sentir o perfume dele, bom e provavelmente caro. Lembrou que Jef não usava perfume. Ela sentia, no máximo, o cheiro discreto de desodorante. Reparou na boca de Marcus, nos dentes perfeitos e no hálito de bala de cereja.

— ... vai ver se consegue um emprego pra mim na empresa em que ele trabalha. Rita, tá me ouvindo?

Na hora, ela sentiu o rosto pegando fogo.

— Desculpa, é que eu estava lembrando que ainda não falei com o Jef...

— Você é apaixonada por ele mesmo, né? Dá pra ver.

Rita sentiu o rosto ficar ainda mais quente. Por que é que ele estava perguntando aquilo?

— É que pela primeira vez eu conheci um cara legal, que gosta mesmo de mim e me trata superbem. Não é pra ficar apaixonada?

Marcus não respondeu. Em vez disso, remexeu-se no banco, ajeitou a jaqueta e olhou pela janela. O ônibus parou.

— Eu vou descer aqui — disse Rita.

— Eu também.

— Seu amigo mora perto da minha casa?

— Mais ou menos. Mas vou te acompanhar até em casa. Depois eu ando mais um pouco até a casa dele. Sem problema.

Marcus desceu do ônibus com ela.

— Mas você vai sozinho até a casa dele?

— Não tem perigo.

“Quanta confiança!”, Rita pensou. Estava cada vez mais convencida de que ele estava envolvido com alguma coisa que não era boa. Aquele bairro não era dos mais calmos.

— Eu moro aqui. — Rita apontou uma casa de madeira branca com as janelas marrons, a pintura maltratada pelo tempo. Cercando a casa, um muro baixo com portão de ferro. A luz da varanda estava acesa.

— Obrigada por me acompanhar.

— Tudo bem. Vou nessa. Até amanhã.

Assim que entrou em casa, Rita pegou o celular e digitou uma mensagem.

*Miga, você não imagina quem me
acompanhou até em casa hoje.*

10

Já tinha virado rotina: Rita ia até a casa de Jef e de lá seguiam para a escola, às vezes no horário, muitas vezes atrasados. Naquele dia, Jef contou que tinham terminado a primeira encomenda. Entregaria no dia seguinte.

— Uma encomenda grande — enfatizou ele.

— Que ótima notícia — respondeu empolgada.

— Só tem um problema: minha vó me pediu para levá-la a uma reunião da igreja. Não queria dizer não, porque, você sabe, ela me ajuda tanto... Me deixa morar na garagem... Não consigo negar um pedido dela, sabe como é.

— Se você quiser, eu posso entregar.

— Você faria isso por mim? Não vai te atrapalhar?

— Claro que não. Como vamos fazer isso?

Jef entregou para Rita uma chave: a chave da garagem. As encomendas estariam embrulhadas em papel pardo e colocadas em duas sacolas de lojas de roupa.

Seguindo as instruções, antes de ir para a aula, Rita foi até a garagem e pegou de cima do sofá as sacolas com as encomendas. Foi para a frente de um bar duas ruas depois da escola e ficou esperando. Perto das sete horas, um carro preto, grande e com vidros escuros encostou. A janela se abriu, revelando o motorista, um homem de óculos, que nem desligou o carro.

— Boa noite. Vim buscar a encomenda.

— Aqui está. — E passou as sacolas para o homem.

— Obrigado. — Levantou o vidro e o carro partiu.

Jef havia comentado que o pagamento pela encomenda já estava feito, era só entregar. Estava contente em poder ajudar o namorado e a avó dele, mas

não pôde deixar de achar um pouco estranho aquele homem comprando bonequinhos de feltro. “Negócios são negócios”, pensou. Ela se ofereceu para ajudar e ficou orgulhosa por isso.

No dia seguinte, na garagem de Jef, enquanto se preparavam para ir à escola e chegar — de novo — atrasados, ele entregou para ela uma nota de cem reais.

— O que é isso?

— É pela entrega.

— De jeito nenhum, eu fiz um favor.

— Mas — falava sem jeito — é que minha vó pediu pra te dar.

— Mas, Jef...

— Aceita, vai. A vó faz questão.

Ela pegou o dinheiro e guardou na mochila.

Rita não havia contado para Jefter sobre Marcus. Afinal, o colega estava indo para a casa de um amigo e fez a gentileza de não a deixar sozinha. Relembrando a cena, ela se pegou discretamente sorrindo: desembarcar do ônibus com outra pessoa, não se assustar com qualquer barulho que vinha do terreno baldio ou de um canto escuro da rua, ser entregue na porta de casa sã e salva. Balançou a cabeça tentando limpar a mente. “Que bobagem.”

Marcus não tirava os olhos dela. Achou que Jefter não tinha reparado, mas, quando ele se virou e viu o colega de classe olhando na direção deles, tratou de emitir um comentário que a deixou desnorteada:

— Aquele cara lá de trás não para de olhar pra você. Será que ele não percebeu que você tem namorado?

— Esquece ele, Jef.

— Como é mesmo o nome dele?

— Marcus.

— E quem ele pensa que é pra ficar encarando você desse jeito?

— Ele não é ninguém, Jef. É só um desempregado, que vive com a irmã...

— Como você sabe disso?

Rita levou um susto com o tom de voz de Jefter.

— Eu... Nós...

Rita não estava gostando do jeito como Jefter a encarava.

— Foi no dia que você faltou... Fizemos um trabalho juntos... Eu, Malu e ele...

Jefter pegou o braço de Rita e o apertou, fazendo com que ela olhasse para ele. Aquilo parecia sério, não parecia uma ceninha de ciúmes.

— Não quero vocês fazendo trabalho juntos. Entendeu?

Rita concordou com a cabeça e ele aliviou a pressão de seu braço até soltá-lo. Não imaginava que Jefter fosse tão ciumento. Pensou no que ele faria se soubesse da noite anterior, do episódio do ônibus. Certamente brigariam, e ela não queria brigar. Recusava-se a deixar que qualquer coisa ou pessoa atrapalhasse seu namoro e sua felicidade. Ficaria o mais longe possível de Marcus.

Quando o sinal da segunda aula tocou, Malu puxou Rita pelo braço e a arrastou para o banheiro.

— O que foi aquilo na aula? Ele te machucou?

— Não, imagina.

— Você contou que o Marcus te levou em casa?

— Não! De jeito nenhum! Por favor, Malu, não conte nada pra ninguém sobre isso, entendeu? Eu amo o Jef e é ele que importa. O Marcus não é ninguém. Quero ficar bem longe dele.

— Por mim, tudo bem. — Malu levantou as mãos, dando o assunto por encerrado.

Rita chegou em casa mais cansada do que nunca. Ter que desviar de Marcus, administrar o ciúme de Jefter, estudar, trabalhar... Quando abriu a porta, encontrou a mãe sozinha, sentada à mesa da cozinha, debruçada sobre o caderninho em que anotava as contas e uma receita de remédios.

— Algum problema, mãe?

— O remédio do seu vô. Acabou. Não tem no posto e eu não tenho dinheiro. Rita puxou de dentro da mochila a nota de cem reais e entregou para a mãe.

— Hoje, no mercado, nós recebemos um vale. É suficiente?

— É sim. Obrigada, filha.

Aquele dinheiro não podia ter chegado em melhor hora. Ficou ainda mais convencida de que Jefter era o namorado perfeito e que o apertão no braço, a voz ríspida, o olhar firme, a cena de ciúme toda foi nada mais que uma demonstração de amor. E era isso mesmo que ela queria: ser amada.

11

Dois dias depois, uma nova encomenda. Dessa vez a entrega foi na pra-cinha ao lado da escola. O mesmo homem de óculos pegou as sacolas, agra-deceu, entrou no carro e saiu.

Mais uma vez Rita recebeu uma nota de cem reais pelo “favor”, porque o namorado teve que levar a avó em outro compromisso. Guardou o dinheiro entre as folhas de um livro e o colocou na gaveta do criado-mudo. Se a mãe precisasse, entregaria novamente para ela comprar os remédios do avô. Se não, compraria para si coisas que queria já havia algum tempo.

Os finais de semana longe de Jefter eram intermináveis. Assim, eles pas-saram a faltar cada vez mais às segundas-feiras e a chegar cada vez mais atrasados na sexta. Rita e Jefter foram chamados pela diretora da escola e receberam ordem expressa: ou chegavam no horário ou seus responsáveis seriam chamados. Então, naquela segunda-feira, chegaram cedo e entraram na sala no horário. Poucos minutos depois, Jefter pediu ao professor autori-zação para ir até a secretaria.

Em seguida, Malu pediu para ir ao banheiro. Ela não estava bem. Queria chorar. Não conseguia acreditar que a mãe tivesse quebrado de novo a pro-messa de não beber, que a mãe estivesse se destruindo daquele jeito. Onde é que ela tinha conseguido dinheiro para comprar bebida? Pior: o que é que ela tinha feito em troca de bebida? Quase tudo de valor em sua casa tinha sido trocado ou vendido por álcool.

A mãe de Malu tinha ficado sóbria por quase dois meses. Era uma boa mãe, mas, quando estava bêbada, transformava-se: batia, quebrava, xin-gava. Xingava o marido que a abandonou, trocou por outra, deixou a filha

para ela criar. Malu não tinha cabeça para assistir a aula nenhuma, ainda assim foi à escola para não ter que encarar a mãe. Não conversou nem com Rita. Queria ficar sozinha.

À noite, as árvores e arbustos no fundo da escola formavam um refúgio perfeito para chorar. Malu sentou-se em um degrau e deixou que as lágrimas viessem. Não conseguiu chorar em paz por muito tempo. Perto do arbusto detrás do qual se escondeu, onde a iluminação era ainda mais fraca, duas pessoas conversavam. Dava para ouvir as vozes, não a conversa. Esticou o pescoço e viu Jefter.

Malu ia levantar e ir embora, porque não queria que Jefter e Rita a vissem chorando. Aliás, ela estava triste demais para ver qualquer casal e suas demonstrações de carinho. Quando pensou em se levantar, lembrou que Rita havia ficado na sala quando saiu e desconfiou que Jef estava com alguém que não era a amiga. Voltou a se sentar e se escondeu o melhor que pôde para poder espiar. Impossível não reconhecer: Deborah. Eles conversavam, gesticulavam. A conclusão de Malu foi rápida: ela estava tentando roubar o namorado de Rita! Não bastava ter roubado Beto. Ela queria mais.

Malu estava disposta a ir até lá dizer algumas verdades para aquela interesseira. Depois, pensou em correr para a sala de aula e contar tudo a Rita. Mas algo aconteceu: Jefter colocou no rosto um sorrisinho malicioso, abraçou Deborah e a beijou. Ele acariciava as costas dela por cima da roupa, e, em segundos, as mãos sumiram dentro do casaco.

Em um movimento rápido, Malu se levantou e saiu. Tinha certeza de que sua presença não tinha sido notada. Mas eles a viram. Viram o cabelo negro voando, voltando para o corredor e entrando na sala de aula.

— Ela viu a gente — disse Deborah.

— Eu sei. E a partir de agora as coisas vão mudar.

Rita estava conversando com uma colega, aparentemente sobre música. Assim que Malu entrou na sala, notou que havia algo estranho com a amiga.

- Está tudo bem, Malu? Você chorou?
- Chorei. O de sempre, você sabe, a mãe...
- De novo? Ai, Malu...
- É, de novo. Cadê o Jef?
- Não voltou da secretaria ainda.

“Que canalha!”, pensou Malu. Não teve coragem de contar o que tinha visto. Achou que o melhor seria arrumar provas de que os dois estavam juntos. Nunca sentiu tanta raiva por ter deixado o celular na sala. Se tivesse tirado uma foto...

Antes do intervalo, Jefer apareceu como se nada tivesse acontecido. Sentou-se perto de Rita, assistiram à aula, ficaram juntos, como sempre.

- Rita, tem mais uma entrega para amanhã. Você faz pra mim?
- Você vai sair com a sua avó de novo? Aonde vão agora? — Rita perguntou mais por curiosidade. Adorava quando ele pedia a ajuda dela.
- Não, não vamos sair. Mas sabe o que é? Eu não sou muito bom com este negócio de entregas. Fico tímido, sabe. Eu sei que é engraçado, mas eu prefiro mesmo é costurar.
- Já entendi. Você não quer ser visto entregando bonequinhos de feltro em sacolas de lojas de roupa feminina.
- Verdade, eu fico sem-graça. E, além disso, você é ótima. Sabia que o cliente me disse que gostou muito de você, disse que você é simpática?
- Eu quase nem falo com ele, Jef. Só entrego.
- Mas ele gostou de você, sabia? Disse que você é discreta.

— E por que eles querem uma pessoa discreta para entregar bonequinhas de feltro?

— Você não o conhece, mas já viu o carro que dirige. Esse cliente é rico, influente, conhecido. Não quer ser visto com pessoas, bem, com aparência suspeita.

— Eu já entendi. Mas o que ele faz com as bonequinhas?

— Não sei o que ele faz, nunca perguntei. Só sei que ele compra e compra bastante. E isso é bom, não é?

— Claro, é ótimo.

— Eu tenho que dar conta de outro pedido grande para depois de amanhã. Então eu não vou pra escola, vou ficar em casa, certo?

— Certo. Mas eu acho que você vai acabar se prejudicando.

Jefter segurou o rosto de Rita e beijou seus lábios.

— É por isso que a minha namorada vai assistir às aulas e anotar a matéria pra mim.

— Espertinho...

12

Rita foi até a garagem, pegou as sacolas, fechou a porta e saiu. Jefter deveria estar com a avó, então ela achou melhor não atrapalhar. Foi ao lugar combinado e fez a entrega. Prestou atenção ao carro do cliente e viu que Jefter tinha razão, era rico. Queria saber o que ele fazia com tantas matrioskas de feltro.

No caminho para a escola, Rita decidiu contrariar o pedido de Jefter. Como a primeira aula estava perdida, perderia todas as outras também. Queria ficar com seu namorado. Ia doer demais ficar longe dele uma noite toda. Faria uma surpresa.

Já imaginava os dois enchendo as bonequinhas de feltro, conversando, separando as encomendas, empacotando tudo. Com ela ajudando, terminariam mais cedo e, assim, teriam tempo para aproveitar até a hora de ir embora. Queria muito conversar com ele sobre um assunto que estava adiando fazia dias: queria apresentá-lo para sua família.

Chegou à casa de Jefter, abriu o portão e viu próximo da porta algo que nunca tinha visto antes: uma moto. Preta. Rita abriu a garagem sem precisar da chave. A TV estava ligada e Jefter estava no sofá, meio sentado, meio deitado. Bebia Red Label direto da garrafa. Sem camiseta, descalço, a calça jeans sem cinto parava nos quadris e mostrava a barra da cueca *boxer*.

— Oi, Ritinha.

Tinha alguma coisa muito errada ali.

— O que está acontecendo? — Rita largou a mochila no chão e foi em direção ao namorado. — Você está bêbado?

— Que patética você é, Ritinha. Você acha que eu vou ficar bêbado tomando isto aqui? — Levantou a garrafa, mostrando que tinha consumido mais da

metade do conteúdo. — Eu preciso de uma coisa bem mais forte para ficar realmente bêbado. Isto aqui é só para poder aguentar você!

As lágrimas lavaram o rosto de Rita. Tinha certeza de que estava em um pesadelo. Em cima da mesa, capacete preto, luvas pretas e roupa preta de chuva. Uma caixa cheia de bonequinhas de feltro com enchimento, pacotinhos com pó branco, outros com comprimidos. Uma balança.

Do banheiro ouviu o som da descarga. A porta foi aberta.

— O que você está fazendo aqui, sua piranha?! — Rita foi em direção a Deborah.

Jefter levantou rápido e se colocou entre as duas.

— Sem brigas, meninas. Não queremos chamar atenção. — Jefter olhou duro para Deborah.

Rita se sentou no sofá, a cabeça entre as mãos, não queria acreditar no que estava vendo e ouvindo.

— O que está acontecendo aqui, Jef? — Rita precisava de respostas.

— Ritinha, bobinha... Calminha. Primeiro, fala baixo, entendeu? Você está neste negócio porque é discreta, então não me decepcione, *ok?*

— Negócio? Que negócio? Eu não estou em negócio nenhum!

— Está sim. E está envolvida até os cabelos, se você quer saber.

— Você me usou... — As mãos de Rita tremiam. — Você me escolheu para...

— Eu juro que não foi intencional, é que você... simplesmente... aconteceu. Você tinha um namorado otário, morria de medo de motos... Foi só dar um susto em você! — Jef se curvava de tanto que ria.

— Como é que você sabia...

— Você me contou! Contou toda a sua vida para um cara que tinha acabado de conhecer! Você é burra mesmo, né?

Rita sentia raiva. De Jefter, de Deborah, dela mesma.

— A sua vó... ela faz parte disso?

— Ela adianta o trabalho. Depois eu peço para ajudar e capricho no “recheio”. Ela não faz ideia do que eu faço e vai continuar sem saber. Ela acha que tem um monte de gente fazendo encomenda de bonequinhas de feltro.

Rita balançava a cabeça, sem acreditar no que estava metida.

— Então quer dizer que eu estava traficando droga esse tempo todo?

— Pra você ver...

— Pra mim chega! — Rita levantou-se e pegou a mochila. — Eu não faço mais parte disso!

Jefter a segurou pelo braço com força e a obrigou a voltar para o sofá. Foi até o criado-mudo, pegou um objeto e balançou bem na frente do rosto dela.

— A minha correntinha! Foi você quem entrou na minha casa!

— Sim. Você sabe demais do esquema. Não dá pra arriscar. Fica o aviso, Ritinha: se não colaborar, da próxima vez eu vou colocar fogo na sua casa com o velho dentro!

— Não...

— Então, é melhor ficar calada. Mais uma coisa: aquela sua amiga me viu com a Deborah ontem à noite. Deborah e eu fomos dar uns amassos e aquela intrometida viu tudo. Ela vai querer te convencer de terminar comigo. Se você gosta mesmo da sua amiga, não vai fazer isso. Ou a mãe dela vai morrer de tanto beber.

— Como? Você deu bebida para a mãe dela?

— Não, ainda não foi preciso. Só que eu já sei o que a mãe dela faz para conseguir uma garrafa de cachaça barata...

— Chega!

— Ótimo. Então, amanhã, tudo normal na escola. Somos namorados, você é apaixonada por mim, tudo como sempre. Outra coisa: quero o seu celular.

— Pega. — Rita arremessou o celular, torcendo para que acertasse o nariz dele, mas Jefter pegou o aparelho no ar. — Cuidado. Poderia ter quebrado.

Depois de mexer no celular por alguns minutos, devolveu para Rita.

— Não quero nada que possa me comprometer aqui. Mais uma coisa: está vendo isto aqui? GPS. Deixe sempre ligado. Entendeu? Ligado. Não se atreva a desligar ou deixar acabar a bateria. A partir de agora vou saber exatamente onde você está.

— Virei prisioneira agora? — Era Rita quem ria, tentando disfarçar o nervosismo.

— Sim. Mas não se preocupe, não vai ser pra sempre. Daqui a pouco você vai poder voltar para a sua vida patética naquele supermercado e, com muita sorte, voltar para aquele seu namorado imprestável.

— E você?

— Vou para bem longe daqui. Aliás, nós vamos, né, Debby? A Debby é esparta, ela sabe o que quer. Bem diferente de você.

— E a sua vó?

— Ela se vira bem sem mim, sempre se virou.

— Ah, e por falar em vó... — Estendeu para Rita uma nota de cem reais. — Pagamento pela entrega.

— Eu não quero esse dinheiro.

— Por quê?

— É dinheiro de droga!

— Engraçado. Para mim é só dinheiro — disse, examinando a nota. Em seguida entregou para Deborah, que dobrou a nota e colocou no bolso da calça.

— Tá vendo? É por isso que a Debby vai se dar bem e você não.

— Eu quero ir embora, Jefter.

— Pode ir. E já sabe, boca fechada.

Rita pegou a mochila, mas Jefter parou bem na sua frente, abrindo a mão.

— Quase ia me esquecendo — disse. — A chave da garagem.

Rita tirou a chave da mochila, colocou sobre a mão dele e saiu.

No ponto de ônibus, viu as mensagens de Malu e, para não levantar suspeitas, conversou com a amiga como se nada tivesse acontecido. Em casa, trocou poucas palavras com a mãe antes de se trancar no quarto.

13

Ir para a escola era bom, depois passou a ser insuportável. Jefter a esperava todo dia no portão. Aproximava-se, segurava o rosto dela e a beijava. Rita tremia de pânico. Num dia estava apaixonada, noutra, apavorada.

Para deixar a situação ainda mais complicada, Malu resolveu interrogar a amiga sobre a “amizade” de Jefter e Deborah. Esperta, ela percebeu que Jefter não deixava a namorada sozinha por um minuto, a não ser quando ele ia ao banheiro. Foi em um desses momentos que Malu aproveitou para iniciar o interrogatório.

— Rita, eu preciso te perguntar uma coisa: desde quando a Deborah e o Jefter são amigos?

— Não sei. Nem sabia que eram amigos.

— Mas eles são amigos, sim, Rita. E isso não é nada bom.

— O que é que tem? Eu também tenho amigos.

— Rita, eu estou falando da Deborah! Ela roubou o seu namorado! Ela está dando em cima do Jef.

— Não, Malu, é impressão sua.

— Rita, sabe aquele dia que a minha mãe não estava bem? Eu... eu vi os dois... se... beijando lá atrás da escola. Ele está traindo você!

Rita precisou ter sangue-frio para não contar tudo para a amiga.

— Acho que você estava confusa. Estava abalada por causa da sua mãe e acabou se confundindo.

Sabia que Malu não iria ficar contente com qualquer desculpa.

— Rita, você não está entendendo. Eu vi! Eles estavam se beijando, Rita. Ele estava colocando as mãos dentro da blusa dela...

Rita não podia deixar Malu continuar. Já era demais ser enganada, ameaçada pelo namorado, ser trocada por Deborah. Estava mentindo para sua melhor amiga. Sentia que ia explodir a qualquer momento.

— Chega! Eu não quero saber.

Antes de dar as costas à amiga, Malu falou aquilo que a própria Rita já sabia.

— Você não é a Rita que eu conheço.

Na saída do banheiro, Jeffer agarrou Rita pelo braço e a levou para um canto do pátio onde não havia alunos por perto.

— Ritinha, amanhã você tem uma entrega. — Jeffer falava ao ouvido da garota e tudo o que ela queria era esbofeteá-lo.

— Na praça ou na frente do bar?

Jeffer pegou o celular, procurou no Google Maps e apontou.

— Aqui.

Rita arregalou os olhos.

— Não, não. Jeffer, não. Eu não vou de jeito nenhum.

— Vai, sim.

— Esse é um dos bairros mais perigosos da cidade.

— Eu sei. O meu cliente quer que a entrega seja lá. E eu faço qualquer coisa pelos meus clientes. Esteja na garagem amanhã às sete.

14

— Jefter, eu já disse, esse é um bairro barra-pesada. Vou perder o meu pescoço se tentar entrar lá com isso!

— Relaxa, Ritinha. — E entregou para ela a mochila com as encomendas dentro. — Preste bem atenção, você vai de ônibus até aquele bairro. O endereço e o contato estão aqui.

Rita leu o pedaço de papel.

— Shirley?

— Isso mesmo. Você vai até a casa dela, faz a entrega e volta. Leve isso com você. — Jefter entregou uma caixa de papelão com tampa.

— Docinhos? Não vai me dizer que eles também têm “recheio especial”.

— Não, é só pra despistar. Você está indo entregar uma caixa de docinhos para uma conhecida. Alguém pode te parar e te pedir um docinho, então, não seja mal-educada.

— E se eu não for educada? — Colocou a caixa em cima da mesa. — E se eu mandar você à merda, virar as costas e for à delegacia contar tudo o que você anda fazendo?

— Daí eu serei obrigado a enviar umas fotos para a polícia.

Um nó se formou na garganta de Rita, fazendo com que ela tivesse dificuldade de respirar. Em algumas fotos, ela aparecia entregando as sacolas para o homem no carro e na praça. Em outras, no entanto, o que viu fez com que ela perdesse o chão: tinha sido fotografada enquanto dormia. Jefter havia colocado vários pacotinhos de cocaína e comprimidos de *ecstasy* ao seu lado na cama, em suas mãos, sobre seu corpo.

— VOCÊ É UM CANALHA! — Rita não conseguia mais controlar sua raiva.

— Ninguém precisa ver estas fotos, não é verdade? Então, é só fazer tudo o que eu mandar. Consegue imaginar o estrago na sua vida se umas fotos assim caírem na internet, Ritinha?

Rita sentiu o suor gelado cobrir sua pele e um arrepio percorrer seu corpo.

Uma hora depois, Rita chegou ao bairro e encontrou a casa de Shirley. Foi um alívio não precisar pedir informações para ninguém. E a quem pediria? Aos garotos que jogavam futebol em um campinho de terra? Aos homens sentados em cadeiras de plástico na calçada de um bar? Às pessoas que a olhavam das janelas e portas, sabendo que ela não era dali?

Em frente à casa de Shirley nem precisou chamar ou bater palmas, uma mulher a esperava no portão. Rita entrou na casa, colocou a caixa de doces em cima da mesa e retirou os pacotes com as encomendas da mochila. A mulher pegou uma bonequinha e com a ponta da faca, que usara para fatiar cebola minutos antes de Rita chegar, cortou a costura. Puxou a fibra do enchimento e junto veio um pacotinho com pó branco. Sorriu e comentou que era uma maneira bem criativa de fazer entrega.

Depois abriu mais uma e conferiu o recheio. Apalpou mais algumas bonequinhas para se certificar de que estava tudo certo. Foi até a porta e chamou um menino que andava de bicicleta na rua.

— Leva ela no ponto de ônibus.

Rita deixou a casa com o coração aos pulos e as mãos trêmulas. Andava tão rápido que por vezes tropeçou, outras vezes quase correu, tentando acompanhar o ritmo do menino da bicicleta. Saiu do bairro, atravessou o asfalto e foi até o ponto de ônibus. O menino deu meia-volta e sumiu. Ela estava sozinha.

Próximo do ponto de ônibus não havia casas, comércio, igreja, nada. Só mato. Carros e motos passavam e os motoristas olhavam para ela. Rita sentiu um calafrio subindo pela espinha. Estava sozinha em um local mal iluminado e cercado de mato. Não fazia ideia do horário do ônibus.

Um carro diminuiu a velocidade, saiu do asfalto e entrou pelo acostamento em direção ao lugar em que ela estava. Cada músculo de seu corpo se preparou para a fuga, inspirava e expirava cada vez mais rápido. Quando o carro estacionou, ela se afastou, pronta para correr. O motorista saiu.

— Entra, Rita!

Ela conhecia aquela voz.

— Marcus?

— Entra no carro agora!

Em um segundo estava dentro do carro. No segundo seguinte, Marcus acelerava, fazendo levantar uma nuvem de poeira do acostamento. O carro entrou no asfalto cantando pneus. Ao perceber que estavam se afastando do bairro, Rita deixou seus músculos relaxarem e diminuiu o ritmo da respiração.

Marcus estava tenso. Olhava para a estrada e para o retrovisor. Ficou mudo durante muitos minutos e, quando falou, foi incisivo.

— O que é que você estava fazendo naquele bairro?

— Fui entregar uns docinhos para uma conhecida — respondeu Rita com voz hesitante.

— Uma péssima hora para trazer docinhos.

Mal terminou de falar, viu vários carros da polícia passarem por eles e seguirem em direção ao bairro.

— Todos estes carros da polícia estão...

— Indo para lá — cortou Marcus, ríspido.

O coração de Rita quase saltou pela boca. Pouco antes ela estava na cozinha da casa de uma mulher desconhecida, entregando bonequinhas de feltro com recheio de cocaína.

— A coisa vai ficar feia. — Parecia que ele falava para si e não para Rita.

Deu graças a Deus por estar sentada, ou suas pernas a derrubariam de tanto que tremiam.

— O que estava fazendo lá mesmo, Rita? — perguntou Marcus de maneira mais relaxada.

— Já falei, fui levar docinhos para uma conhecida.

— Não vá mais. Você não faz ideia de onde estava se metendo.

Rita sabia. Perfeitamente. Ele é que não fazia ideia do quanto ela estava enrolada.

Marcus ligou o rádio. Uma música em inglês, cantada por uma mulher de voz poderosa, a envolveu. Rita fechou os olhos e torceu para que, quando tornasse a abri-los, tudo não passasse de um sonho ruim.

— Chegamos — disse Marcus.

— Obrigada pela carona. — Rita abriu a porta do carro.

— Cuidado por onde você anda. Certos lugares, a certas horas, não são convenientes.

— Vou me lembrar disso quando tiver que fazer outra entrega.

— Entrega?

— É. De docinhos. — E então trocou rapidamente o foco da conversa. — E você? O que estava fazendo lá?

— Estava indo para a casa da minha irmã.

— E este carro, de quem é?

— É dela.

— Ela te empresta o carro assim...

— Fazer o quê? Ela me adora...

— E como você sabia que a polícia estava indo para *aquela* bairro?

— É o bairro mais violento da cidade. Não é difícil a polícia bater lá de vez em quando.

— Não me leve a mal, Marcus, mas eu acho que tudo isso não tem nada a ver com a sua irmã ou com o bairro ser violento.

— Tem a ver com o quê, então?

Rita queria dizer que tinha a ver com o fato de ele não passar de mais um traficante que se aproveitava de garotas bobinhas e apaixonadas para ganhar muito dinheiro.

— Esquece. Estou cansada. Obrigada pela carona.

Rita saiu do carro, bateu a porta e correu para casa.

15

— Jefter, pra mim já chega — disse Rita enquanto entrava na garagem. — Por pouco a polícia não me pegou ontem. Eu não consigo mais fazer isso! Eu não consigo!

— Calma, Ritinha...

— Calma? Eu podia ter sido presa! Eu podia estar presa a uma hora dessas!

— Mas não está. Então relaxa. — Ele parou bem na frente dela, encarando-a. — Eu só não entendi uma coisa: como é que você chegou em casa? De ônibus não foi, porque você teria feito um caminho diferente.

“Merda! O GPS do celular.”

— Peguei carona.

— Com quem?

— Um amigo do meu pai. Ele me conhece desde pequena. Ele me viu, perguntou o que eu estava fazendo ali e me deu carona até em casa.

— E você disse o quê?

— Que eu estava fazendo um extra entregando docinhos para clientes do supermercado.

— Se saiu muito bem.

“Ufa!” A respiração de Rita foi voltando ao normal. Debby, que até o momento enchia os pacotinhos com cocaína e pesava na balança de precisão, avisou que iria comprar cigarros e saiu.

— Por que você faz isso, Jefter?

— Isso o quê?

— Por favor, Jefter. Olha esta garagem, é quase do tamanho da minha casa. Acho que você nunca passou dificuldade na vida. Por que vender drogas?

— Nunca passei dificuldade, é verdade. Tinha uma vida perfeita. Eu era muito rico. Daí os meus pais resolveram estragar tudo. Mas vou recuperar tudo o que eu tinha. Conheço uns caras, gente grande. — Pegou uma garrafa e bebeu.

— E quando é que vou ficar livre de você?

— Em breve.

Deveria ser mesmo em breve, pois os olhos de Rita encontraram, em um canto da garagem, quatro malas grandes, uma delas aberta e cheia de roupas. Disfarçou e continuou a conversa.

— O que você vai fazer depois? Seduzir outra idiota?

— Não... Recebi uma proposta, um lance melhor.

— E a Debby?

— Mandei umas fotos dela para os caras e ela recebeu uma proposta para trabalhar na Europa. Ela vai ganhar muita, muita grana.

— Então quer dizer que eu vou estar livre dos dois? Que eu vou poder viver em paz?

— Vai, Ritinha, vai poder viver a sua vidinha em paz. Mas, antes, deixa eu te contar uma coisa: sabe aquelas fotos?

Rita sentiu um arrepio na coluna.

— O que você fez...

— Relaxa. Mandei uma foto sua para os caras. Eles gostaram de você. De verdade. Mas eu disse pra eles que você não gosta de dinheiro. Então a proposta morre aqui.

— Quando você for embora, muita coisa vai morrer, Jeffer. Vou fazer questão de matar cada lembrança da gente.

— Ritinha... Não conhecia esse seu lado assassino.

Seu riso era torto, sarcástico.

— Amanhã você vai fazer mais uma entrega — disse ele.

— Onde? Lá naquele bairro?

— Não, não. Aqui perto. Amanhã às sete. Agora vai para a aula e cuidado com quem fala. Você sabe muito bem o que pode acontecer — falou balançando o celular.

16

No dia seguinte, antes das sete horas Rita foi até a garagem, pegou as sacolas e esperou na frente do bar o carro que buscaria as encomendas. O mesmo homem no mesmo carro. Passou a fazer sentido tamanho interesse por bonequinhas de feltro. Não fez questão de ser simpática como das outras vezes. Ao contrário, foi bem estúpida, praticamente jogando as sacolas na cara dele. E, contrariando as ordens, desligou o GPS do celular. Sua intuição lhe dizia que Jefter não ficaria muito tempo na cidade.

Na escola, nada conseguia prender a atenção de Rita. Foi quando decidiu que era a hora de consertar as coisas. O sinal tocou para a aula de educação física e ela se aproximou de Malu.

— A gente pode conversar?

Omitindo noventa por cento da verdade, Rita contou que chegou de surpresa na garagem e pegou Jefter e Deborah juntos. Pediu desculpas e foi perdoada pela amiga. Concordaram que a paixão deixa as pessoas cegas. Para o alívio de Rita, Malu engoliu a história e, enfim, as coisas estavam voltando ao normal.

Na manhã seguinte uma mensagem de Jefter fez o dia de Rita azedar.

Venha aqui antes das sete.

Rita chegou a escrever uma mensagem bem desaforada, mas desistiu de enviar quando se lembrou das fotos.

Quinze para as sete ela entrou na garagem.

— Achei que você já tinha ido embora.

— Estou indo hoje. Só preciso resolver uma coisinha. — Entregou para Rita uma sacola com um pacote dentro. — A entrega de hoje é na rua atrás do bar, em frente ao prédio abandonado.

Rita esperou por mais de trinta minutos na rua escura e deserta. Alguma coisa estava errada, nunca tinha levado nem cinco minutos para virem recolher a entrega.

Aconteceu tudo muito rápido: um carro entrando na rua em alta velocidade, cantando pneus, freando, a porta de trás se abrindo, um homem agarrando Rita, empurrando-a para dentro do carro, cobrindo sua cabeça com um tipo de saco preto de pano e ordenando que não gritasse.

O carro rodou por alguns minutos, parou, o motor foi desligado. O motorista e o homem, que tinha ficado ao seu lado no banco de trás, saíram do carro. As portas se fecharam. As lágrimas escorriam, as mãos tremiam, o coração disparado, cabeça latejando. Ia morrer. Tinha certeza.

Depois de alguns minutos, alguém entrou no carro e sentou-se ao seu lado. O capuz foi retirado.

— Marcus! O que é isso? — Rita gritou, descontrolada.

— Rita, eu...

— Me deixa sair! Me deixa sair! — Rita se debatia, tentando alcançar a maçaneta da porta do carro.

Marcus precisou segurá-la pelos ombros.

— Calma, Rita, eu sou policial. Sou policial!

Rita respirava com dificuldade, tentando processar o que estava acontecendo. Então, uma nova onda de desespero tomou conta dela.

— Eu vou ser presa!

— Rita, fique calma, por favor. Você não vai ser presa.

Levou alguns minutos até que conseguisse ordenar os pensamentos e coordenar a respiração. Quando ela pareceu estar em condições de conversar, Marcus prosseguiu:

— Recebemos uma denúncia. Disseram que uma mulher estava entregando drogas dentro de bonequinhas de feltro. Deram a hora, o lugar, a descrição da pessoa, o tipo de drogas. Recebemos um *e-mail* que não conseguimos rastrear. — Ele mostrou o celular. — Olha isso.

Eram as fotos em que ela aparecia entregando as sacolas.

— Toda a informação bate com o que encontramos: as bonequinhas, as drogas, a sua descrição...

— Meu Deus... — Rita cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar.

— Rita, precisamos de sua ajuda. De quem é a droga?

— Do Jefter... da nossa sala... o que era meu namorado...

Marcus pegou o celular e repassou a informação.

— Uma equipe já está indo até a casa da avó dele.

— Eu fui uma idiota... — Rita falava para si mesma. — Como eu fui ingênua...

— Rita, nós podemos te ajudar, mas você tem que contar tudo o que sabe. O Jefter é peixe pequeno. Nós queremos o dono do esquema. O que mais você sabe?

Rita contou tudo o que sabia, tudo o que viu e ouviu. Deu o máximo de detalhes que conseguiu. No final, sentia-se cansada, arrasada, destruída.

— O que vai acontecer comigo agora?

— Por enquanto, nada. Você está colaborando e está claro que foi usada.

Rita olhou pelo vidro do carro.

— Onde estamos?

— No pátio da delegacia.

Rita suspirou.

— Eu sou uma idiota. Como é que eu não percebi nada antes? Eu tenho dezessete anos, não poderia ter sido tão ingênua assim.

— Você foi ingênua, é verdade. Mas gente como o Jefer é especialista em manipular. Eles usam outras pessoas para o serviço sujo. Ter dezessete anos não quer dizer muita coisa. Já vi pessoas mais velhas serem tão usadas quanto você.

— Infelizmente eu estava apaixonada. Sei que não é desculpa...

— Bem, estar apaixonada faz com que se enxergue menos.

Ela riu, enquanto secava as lágrimas.

— Vou me lembrar disso na próxima vez que me apaixonar.

— Fica a lição. — Marcus saiu do lado de Rita e foi sentar-se no lugar do motorista. Em seguida, seu parceiro acomodou-se no banco do carona. — A gente te leva para casa.

Quando estacionou em frente à casa de Rita, Marcus pediu o celular dela.

— Preciso mandá-lo para a perícia. Pode ter mais alguma informação importante aqui. Enquanto isso, use este aparelho. — Entregou-lhe um celular.

— Meu número está na agenda, caso precise.

Rita não teve problemas em deixar seu celular com Marcus, afinal, o modelo que ele lhe emprestou era muito superior ao dela. Lamentou, apenas, ficar sem sua *playlist*.

17

Por várias noites Rita não conseguiu dormir. Trabalhando no supermercado ou a caminho da escola, tinha a sensação de que estava sendo observada ou seguida. O barulho de uma moto a deixava alerta, fazia o coração disparar, as mãos suarem. Pensou em abandonar a escola, mesmo faltando pouco para acabar o ano letivo. Estava a ponto de enlouquecer.

Marcus a convenceu a seguir em frente e concluir os estudos.

— Se você desistir, quem sai ganhando é o Jefter. Você tem que continuar, terminar o ensino médio, ir para a faculdade.

— Se você soubesse como é difícil...

— Sei que não é fácil. Mas estou torcendo por você.

Rita ficou sem-graça ao ouvir aquilo, pois nem ela acreditava em si mesma.

— Achei que você já tinha abandonado o seu disfarce — disse ela, mudando de assunto.

— Hoje vai ser o último dia. Já estou ficando velho demais para o ensino médio.

— Qual a sua idade?

— Vinte e quatro.

— Tem cara de dezenove.

Marcus sorriu e entregou o celular de Rita.

— Vamos trocar?

Rita conferiu se sua *playlist* ainda estava ali.

— Encontrou alguma coisa?

— Nada diferente do que já sabíamos. Jefter é muito esperto, ele não deixou pistas, apagou tudo o que pôde: contas em redes sociais, fotos...

— Vocês encontraram alguma coisa na garagem?

— Os cães farejaram drogas nos lençóis da cama. Provavelmente o lugar onde ele preparava os pacotes.

Rita tirou de dentro da mochila a matrioska que tinha ganhado de Jefter.

— Pegue. Pode ser útil nas investigações.

Marcus transferiu a bonequinha para o bolso de sua jaqueta.

— Também tenho uma coisa para você.

Os olhos de Rita brilharam.

— Minha correntinha! Você não faz ideia do quanto ela significa para mim.

— Sabe o que aconteceu com a sua amiga Deborah? — continuou ele.

— Ela não era minha amiga — respondeu irritada.

— Foi presa no aeroporto tentando embarcar com drogas escondidas em fundos falsos das malas. Ela vai responder por crime de tráfico. Você me falou que viu malas quando estive na garagem. Provavelmente foi o Jefter quem fez.

— Tadinha... Que azar — comentou, irônica.

— Ela teve sorte de ter sido presa aqui no Brasil. Ia tentar entrar em um país onde a lei é muito dura com os traficantes. Poderia ser condenada à pena de morte.

— Jefter falou que ela tinha recebido uma proposta de trabalho na Europa.

— Você já ouviu falar em tráfico de pessoas? É o que acontece com muitas mulheres que são enganadas com promessas de trabalhar no exterior e de ganhar muito dinheiro. Ela não fazia ideia de onde estava se metendo.

Não gostava de Deborah, mas ficou arrepiada de pensar no que poderia ter acontecido com ela. As duas foram enganadas por Jefter.

— Marcus, me explica uma coisa: por que você se matriculou *nesta* escola?

— Por causa dos traficantes disfarçados. — Marcus falava como se aquilo fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Jefter não é o único.

— A diretora sabe que você é policial?

— Sabe. Você também sabe, mas, para a segurança de todos, ninguém mais deve saber.

— Você contou sobre o que o Jefter me obrigou a fazer... as entregas...

— Não.

— Obrigada.

— Seu caso será mantido em sigilo.

— E aquela encenação toda na frente do bar? Me jogar para dentro do carro, capuz na minha cabeça? Era realmente necessário?

— Infelizmente, sim. Optamos por uma abordagem rápida: tirar você do local, levar para um lugar seguro, conseguir o máximo de informações possível. Desculpe se te assustamos.

— Só vou levar alguns anos para me recuperar do trauma, mas tudo bem.

— Torço para que você se recupere rápido. Você é jovem, bonita, estudiosa. Tome cuidado com quem namora daqui por diante.

Rita sentiu o rosto vermelho.

— Eu gravei o meu número no seu celular. Te cuida, Rita.

Marcus se levantou, saiu da biblioteca e já na rua cobriu a cabeça com o capuz da jaqueta.

18

No banheiro do clube, Rita tentava consertar a maquiagem borrada.

— Você está linda!

— Você está linda também, Malu!

— Quero dançar muito! É nossa formatura! — gritava Malu para ser ouvida apesar da música alta. — Vamos?

— Já estou indo!

— Não demora!

Rita entrou em um dos reservados e leu novamente o bilhete que tinha recebido de um desconhecido na porta do clube.

Parabéns pela formatura.

J.

Rasgou o bilhete o máximo que conseguiu e jogou os pedacinhos no cesto de lixo.



– Esquece. – Não esperou Jefter concluir. – Você não vai colocar ela no esquema.

– Claro que não. Ela vai ser o esquema.

Raul levantou a sobrancelha.

– Qual é o plano, gênio?

19

— Jefter!

A voz ecoou pela quadra de *squash*. Ele foi até o fundo da sala onde seu pai o esperava com uma toalha. Recebeu-a e entregou a raquete. Secou o rosto e os braços. Notou que o pai trazia pendurada no ombro a bolsa do clube, mas não parecia ter treinado, apesar do cabelo úmido e penteado. O treino de *squash* tinha acabado, assim como tinha acabado seu sonho de continuar no campeonato. Logo naquele ano, em que ele estava no topo da tabela e tinha formado uma dupla forte com o colega de treino. O pai deu um tapinha em seu ombro e deixou a mão ficar ali, como que para confortar o que não tinha conforto. Foi um alívio quando retirou a mão para pegar a chave do carro.

Na volta para casa o pai não fez nenhum comentário, nem disse a famosa frase que vinha repetindo tanto nos últimos tempos, “vão-se os anéis, ficam os dedos”. Da forma como os bens da família estavam sumindo, em breve seria um privilégio ainda ter dedos. Sem querer, Jefter pegou-se encarando as próprias mãos.

A garagem do prédio se abriu e o pai estacionou ao lado do carro da mãe. “Ela chegou cedo”, pensou, “hoje vai ser uma noite daquelas.” Mal colocaram os pés na porta do apartamento, ouviram a mãe gritar histérica. Na sala, estavam várias peças de roupa do pai rasgadas, principalmente as caras camisas polo.

— Como é que você explica isto? Sem limite! Meu cartão de crédito sem limite!

O pai recolhia os pedaços das camisas procurando pelas peças que não tinham sofrido com o ataque de fúria da esposa.

— Eu nunca passei tanta vergonha em toda a minha vida. Na frente das minhas amigas! Tive que deixar as compras na loja! Você tem ideia da humilhação que eu passei?

— Já não é de hoje que eu venho dizendo para manear nos gastos. As vacas estão magras. Os negócios...

— Se você não gastasse o nosso dinheiro com... — Virou-se para Jefter. — Você viu o seu pai com ela, não viu? A morena do clube? Ele estava com ela e você está dando cobertura para o seu pai! Como é que você faz isso com a sua mãe, Jef?

— Morena? Do que você está falando, mulher? O menino estava no *squash* e eu na musculação. Não tem morena nenhuma.

— Não foi o que me contaram. E você sabe que eu descobri, eu descobri...

— Filho, o treino foi um pouco puxado, não? Acho melhor você descansar no seu quarto.

Era a deixa que ele precisava para sair da sala voando. Ia começar tudo outra vez: a troca de acusações, insultos, ameaças. Quando eles faziam as pazes depois de uma briga, a mãe ganhava um carro zero, uma joia cara e um cartão com limite maior, mas sabia que daquela vez seria diferente.

A queda no padrão de vida da família era visível. A empregada tinha sido dispensada e substituída por uma faxineira, que vinha uma vez por semana, as compras foram reduzidas, o pai já não aparecia em casa com camisas e relógios caros nem passava os finais de semana com o mesmo círculo de amigos ricos. Os carros não tinham sido trocados no último ano, os seguros não foram renovados, as viagens de férias não aconteceram, a academia foi cancelada. A gota d'água foi o cartão de crédito da mãe. As coisas estavam indo de mal a pior.

Na metade do ano, Jefter faria dezoito anos. Prometeu aos pais que passaria de ano e terminaria o ensino médio, já que no ano anterior não tinha

levado muito a sério. Em compensação, ganharia um carro zero — e poderia escolher modelo e cor. E uma viagem para o Havaí, sozinho, para surfar. Mas pelo visto seus planos estavam todos comprometidos.

O pai culpava a situação do país, o desempenho ruim dos negócios, para justificar a decadência financeira da família. A mãe culpava a amante, a morena da academia. O que estava de fato levando a família à falência? O vício do pai em jogo. Noitadas de carteadado nas quais perdia muito dinheiro. A mãe não deixou por menos e, quando soube da amante, passou a gastar ainda mais. Jefter ia vivendo imune à crise que se abatia sobre a família. Até aquele momento. O corte da academia foi o primeiro sinal de perigo. Depois seria a viagem e o carro. Até quando receberia mesada?

O dinheiro que recebia gastava com “coisinhas que gostava de comprar”. Só de lembrar sentiu vontade de ligar para o Mateus, o cara que sempre sabia onde comprar “coisinhas” da melhor qualidade. Estava precisando muito relaxar depois da cena na sala. O único problema era que o cara superfaturava a mercadoria. Ainda assim valia a pena, porque, além de vender, ele ainda deixava o pessoal fumar no apartamento, quando os pais estavam viajando, como agora. Iam todos para a cobertura do triplex e ficavam por lá mesmo. O melhor é que ainda rolava um banho de piscina no final para apagar os vestígios. E a geladeira estava sempre cheia de comida de primeira.

— Posso passar aí, cara?

— Vem agora que tá chegando uma galera. Recebi encomenda hoje.

— Beleza.

— Aproveita e traz uísque.

— Tá difícil, cara. Meu pai andou contando as garrafas. Se eu tirar uma, ele vai saber. Acharam que era a empregada, mas agora que não tem empregada...

— A gente dá um jeito aqui.

Aproveitou que a mãe estava saindo e pediu uma carona. Ela ia para um bingo beneficente organizado por uma de suas amigas. Jefter nunca entendeu porque a mãe fazia tanta questão de ir nesses bingos se não gostava de jogar nem ia com a cara dessa amiga. Resolveu não comentar. “As cobras que se entendam”, pensou.

O pessoal de sempre já estava na cobertura do Mateus, uns dez rapazes, a galera mais gente boa da escola. Já tinham arranjado uísque, energético e gelo. Antes de terminar de cumprimentar todos, Jefter já estava com um copo na mão. Meia hora depois os baseados estavam prontos e o pessoal ficou curtindo, deitado nas espreguiçadeiras. Mateus tinha uma regra bem rígida: ali na casa dele só podia maconha. Quem quisesse outra droga estava fora. Todos respeitavam.

Jefter e Mateus eram amigos desde o quinto ano. Ele já havia tirado Mateus de muitas encrencas, assumido a culpa por coisas que não tinha feito, escondido baseado. Naquela noite, depois que o pessoal foi embora, os dois ficaram limpando o resto do uísque das garrafas. Então Mateus deu a notícia.

— Foi a nossa última noite aqui, cara. A partir de amanhã os meus pais vão começar a empacotar as coisas, a gente vai fazer as malas. Vamos morar nos Estados Unidos. O pai transferiu a empresa pra lá.

Jefter ficou surpreso. Depois ficou triste, porque iria sentir muita falta do amigo. E dos baseados.

— Seguinte — continuou Mateus —, assim que a gente estiver instalado, você vai pra lá, passa as férias, fica um tempo.

Jefter tomou o restinho de uísque da garrafa, respirou fundo. Sentia que com o amigo poderia se abrir.

— Cara, preciso te contar um lance: a situação não está nada bem lá em casa. Os negócios do meu pai estão indo cada vez pior, ele tem uma amante, a mãe tá pirando. Eles estão cortando tudo: empregada, academia, cartão de crédito... Acho que não vai demorar muito para se divorciarem. Daí a coisa vai ficar pior ainda. Eu ia ganhar um carro no meu aniversário, agora já não sei mais.

— Que barra, irmão. E o dinheiro? Eles ainda estão te dando ou...

— A mesada deste mês está garantida. Para o próximo mês... — Foi tirando do bolso o dinheiro, mas foi imediatamente interrompido pelo amigo.

— Não, não. Foi por minha conta. Presente de despedida.

— Valeu.

— Olha, cara, é o seguinte, quero te fazer uma proposta. Não sei se vai dar certo... Não sei se você também vai querer...

— Fala de uma vez.

— Faz tempo que os caras que me vendem a erva estão conversando comigo, querendo me colocar no esquema. Eles são gente grande, cara. O negócio deles é forte, rola muita grana. Eles têm até esquema internacional.

— Nossa...

— Vou te colocar em contato com eles. Se não quiser entrar no esquema, não precisa. Mas pelo menos você vai saber onde continuar comprando erva de primeira.

20

Jefter pediu para a mãe deixá-lo no centro. Quando viu que o carro dela já estava bem longe, tirou do bolso o papel com um endereço e um nome: Raul. Entrou em um prédio que abrigava escritórios de arquitetura, *design*, advocacia, *factoring*, consultoria e, no quarto andar, uma agência de modelos. Conferiu o endereço. Era ali mesmo que deveria encontrar Raul, na agência.

Deu duas batidinhas na porta, que, em segundos, foi aberta por um homem na faixa dos quarenta anos, vestindo jeans, camisa e sapatos esportivos.

— Pois não?

— Boa tarde, sou Jefter, amigo do Mateus. Ele me pediu para falar com Raul.

— Entre, entre. — Empurrou Jefter para dentro da sala e trancou a porta.

— Eu já estava esperando por você. — O homem apontou o sofá de couro, enquanto pegava uma cadeira e se sentava diante de Jefter. — Eu sou o Raul. Mateus me disse que você vai ficar encarregado de comprar a mercadoria para os seus amigos.

— Isso mesmo.

— O Mateus é um menino confiável. Nunca deu problema. Espero que com você seja assim também.

— Vai ser, sim, com certeza. Tudo igual.

— Certo, certo. — Raul avaliava Jefter. — Você trouxe o dinheiro?

— Sim.

— Passa pra cá. — Raul esticou o braço e abriu a mão.

Jefter tirou o maço de notas do bolso e colocou na mão de Raul. O homem contou, levantou-se e guardou o dinheiro no bolso de trás da calça. Depois foi até a porta.

— Tudo certo. Pode ir. Aguarde o meu contato.

— Mas... e a...

— Encomenda? O Mateus não te explicou? Você nunca sai daqui com a encomenda. Eu te mando uma mensagem e digo onde você deve pegar. Até mais!

Raul abriu a porta e Jefter saiu atordoado, com a sensação de que tinha sido enganado. “Como é que eu caí nessa? Esse cara roubou o meu dinheiro! Merda!” Pegou o celular para ligar para o amigo e exigir explicações, mas sabia que Mateus na certa ia rir da cara dele por ter sido um otário de ter dado dinheiro para o cara e sair de mãos abanando. E se ele fosse à polícia, o que iria dizer? “Seu delegado, eu fui na agência de modelo comprar maconha, entreguei o meu dinheiro para um cara...” Iria ser preso. Ligou para a mãe.

— Dá pra vir me buscar?

Não trocou uma palavra com a mãe durante o trajeto para casa. No viva-voz do carro ela conversava sem parar com a amiga sobre uma outra amiga que tinha se divorciado e estava arrancando tudo o que podia do ex-marido. Ficou olhando pela janela sem, de fato, prestar atenção em nada. Só sentia raiva por ter sido tão idiota.

Jefter se trancou no quarto e ligou o som para não ter que ficar ouvindo o pai e a mãe discutindo mais uma vez. Fechou os olhos e cochilou. Acordou com o toque do celular avisando que tinha recebido uma mensagem de SMS. Número desconhecido.

Seu lanche chegou. Está esperando na portaria.

“Lanche?” Pegou o elevador e, chegando à portaria do prédio, viu um entregador de hambúrguer com dois pacotes pardos.

— Você é o Jefter? Aqui está o seu pedido. — O rapaz, que nem retirou o capacete, entregou os pacotes, subiu na moto que tinha ficado ligada e foi embora.

No elevador Jefter abriu um pacote: lá estava a encomenda! Ficou aliviado e também empolgado com a possibilidade de faturar um bom dinheiro vendendo para os colegas. No outro pacote, um x-salada. “Maravilha! Começamos bem.”

No quarto, com a porta trancada, enquanto preparava os baseados, ia entrando em contato com cada colega da “turma da fumaça”. Sem o Mateus para oferecer a casa, cada um ia ter que se virar, mas isso não era problema dele. Aproveitou para comer o x-salada que veio de brinde. Não dava para negar, com Raul tudo era da melhor qualidade.

21

Depois de dois meses comprando, já tinha aprendido como o esquema funcionava e não ficava mais nervoso pensando se ia receber a encomenda ou não. Raul sempre cumpria o trato e Jefter não podia negar que a parte mais legal era a entrega: cada vez de um jeito diferente.

Às vezes, Raul mandava entregar na mesma noite. Às vezes durante o dia. Às vezes um ou dois dias depois. Sempre pessoas diferentes. Um entregador de pizza, um *motoboy* de farmácia, *delivery* de comida mexicana. Esses ele recebeu na portaria. Certa vez, Raul o mandou parar um carrinho de picolé que iria passar na rua de seu prédio. Parou o vendedor, pegou a encomenda e um picolé. Outra vez disse que era para ir até a padaria que uma pessoa iria falar com ele e entregar a encomenda. Dito e feito.

Jefter percebeu que a oportunidade de ouro tinha caído em seu colo. Ele conseguia faturar alto com a venda dos baseados. E não era só isso, passou a ser “o cara”. Começaram a chover convites para festas, desde as de quinze anos das meninas da escola até as *raves*. Rolavam também convites para *shows* de bandas e cantores que ele nem mesmo curtia, mas não importava. Ele ficava em camarote, recebia pulseirinha VIP, tinha comida e bebida à vontade. Só tinha que levar os baseados. Nesses casos, o lucro não era tão grande, porque sempre tinha que descolar um ou outro baseado de graça, para fazer uma média com o dono da festa ou com a pessoa que estava promovendo o evento, mas ainda assim compensava.

Depois que conheceu melhor Raul e viu que o esquema dele era seguro, começou a estudar a oferta que ele vinha fazendo: fazer mais entregas. E lucrar muito mais. Raul comentou que sempre precisava de pessoas dife-

rentes, para repetir o menos possível os entregadores e impedir que fossem facilmente identificados. Mas tinha que ser gente de confiança, pessoas que ele e os “sócios” tivessem certeza de que não iriam “furar o esquema”.

— Achei que você trabalhasse sozinho nisso — observou Jeter.

— Nesse negócio nunca estamos sozinhos. Só não ficamos todos concentrados, porque, se alguma coisa sai errada, ferra todo o nosso esquema. Ficamos separados e sempre diversificamos. Procuramos pessoas diferentes para colocar no esquema, para não deixar ninguém marcado.

— Como os caras que fazem as entregas lá no prédio?

— Isso mesmo, garoto. Você notou que o sorveteiro era o mesmo cara que entregou para você na primeira vez?

— O cara do x-salada?

— Ele mesmo.

— Não. Ele estava de capacete, só entregou, subiu na moto e foi.

— Tá entendendo o que eu quero dizer? É isso. Ninguém pode perceber que você está traficando, você tem que fazer as coisas de um jeito difícil, senão já era.

— É por isso que você nunca entrega nada quando eu venho aqui.

— Claro. Pode revistar cada cantinho desta sala. Não vai encontrar nada.

— Interessante...

— E se você quiser entrar no esquema, a primeira coisa que vamos fazer é um ensaio fotográfico.

— O quê? Um *book*? Tipo aqueles que as meninas fazem?

— É. Um *book* de modelo. Aqui é uma agência de modelos, certo? Então você vem porque é um modelo à procura de trabalho. Se alguém aparecer querendo saber o que você vem fazer aqui, eu mostro o seu *book*. Pra todo mundo, você é um modelo.

— Caramba... você pensa em tudo mesmo.

— Agora você já sabe como funciona. E aí? O que você me diz?

Jefter já tinha uma resposta, e era não. Ele estava muito bem naquele esquema. Ganhava mesada dos pais e tirava o dobro do valor vendendo para os colegas. As festas estavam cada vez melhores, cada vez mais gente se aproximava dele para comprar e fumar. E as meninas... estas nunca estiveram tão a fim dele. Uma a duas por festa, uma mais linda que a outra. Nunca teve que comprar tantas camisinhas.

Para não dispensar a oferta logo de cara e correr o risco de Raul não vender mais para ele, decidiu dizer que estava pensando na proposta. Na verdade, ele ficaria enrolando Raul até receber um ultimato. Enquanto isso não acontecesse, iria curtir tudo que estava conquistando.

Estava pensando nisso enquanto dava uma última olhada no espelho. Conferiu os bolsos falsos da jaqueta e se certificou de que estava tudo ali. Recebeu uma mensagem no celular. Era o dono da festa que tinha mandado um carro para buscá-lo, e o motorista já estava esperando na frente do prédio. Aquela seria uma noite inesquecível.

22

Aquela noite Jefter não iria esquecer jamais: assim que acendeu a luz do quarto, seus olhos encontraram as portas do guarda-roupa abertas. Alguém tinha remexido suas roupas e encontrado o esconderijo onde guardava simplesmente todo seu dinheiro. Uma onda de desespero tomou conta dele, estava sem um centavo. O dinheiro que tinha nos bolsos, lucro da venda dos baseados daquela noite, com muita sorte, seria o suficiente apenas para pagar a última encomenda que tinha feito com Raul.

Sentou-se na cama, apoiou os cotovelos nos joelhos e segurou a cabeça. Duas pessoas poderiam ter entrado em seu quarto, mas apenas uma delas precisava de dinheiro vivo, cédulas de cem reais para bancar apostas.

Eram quatro da manhã quando escutou o pai chegar.

— Por que você fez isso comigo?

O pai de Jefter sentou-se no sofá da sala, e nem era preciso chegar perto dele para saber onde tinha passado a noite. O cheiro de álcool e cigarros o denunciava.

— Eu não fiz nada — disse, arrastando a voz.

— Você me roubou! Roubou todo o meu dinheiro!

— Seu dinheiro...? Meu dinheiro! — O pai de Jefter apontava para o próprio peito. — Sou eu quem trabalha nesta casa! Você e sua mãe são parasitas! O dinheiro é meu!

— Você não podia ter feito isso... Era a minha mesada... Eu estava guardando... — Jefter já não falava com o pai.

— Mesada? Escuta aqui, a partir de hoje você não tem mais mesada. Você já tem tudo o que precisa. Quer dinheiro? Vá trabalhar! — E levantou-se cambaleante do sofá.

Por um momento, Jefter achou que o pai iria cair e não fez nenhum movimento para evitar.

— Eu estou cansado de sustentar parasitas... — resmungava ele, apoiado nas paredes, enquanto caminhava em direção ao quarto. — Estou cansado de parasitas.

Uma raiva feroz tomou conta de Jefter. Entrou em seu quarto e bateu a porta com força para fechá-la. Depois deu um soco. Sentiu a dor subir pelo braço. Andava de um lado para o outro, como se fosse uma fera enjaulada. Abriu a janela. Quis gritar, mas achou que chamaria a atenção dos vizinhos. Talvez acionassem a polícia e não era uma boa ideia que policiais fossem até sua casa. Desejou um baseado, só que tinha vendido todos na festa.

Sem a menor vontade de trabalhar, só havia uma maneira de conseguir dinheiro novamente.

23

Quando Jefter foi à agência pagar pela última encomenda, recebeu novamente o convite para entrar no esquema. Dessa vez não recusou. Sem perder tempo, Raul explicou como as coisas funcionavam. Além da maconha, entregaria cocaína e ecstasy.

— Você vai receber algumas amostras grátis. São quantidades pequenas para seus amigos provarem. Mas fique atento a quem você oferece e não desperdice com quem não tem dinheiro. Mire nos amigos endinheirados que curtem um lance mais pesado. Se eles virarem clientes, você está feito.

— Então separe a minha comissão. Meus amigos são bem endinheirados.

— Segure a empolgação, garoto. Essas coisas às vezes levam um pouco de tempo.

Jefter sorria e ficava imaginando em quanto tempo recuperaria o dinheiro que o pai tinha lhe tirado.

— E um conselho: quem vende não consome. Se ficar viciado, está fora do esquema. Eu estou nesse negócio há muito tempo e fico bem com os meus baseados e uma “bala” de vez em quando. Fique longe do pó. O efeito é devastador.

— Já entendi. Nada de consumir o estoque.

— Isso mesmo. Esses viciados são um problema. Já tive que apagar uns dois para não atrapalhar os negócios. Eles começam a consumir a encomenda, não trazem o dinheiro, querem cada vez mais, a dívida aumenta... O último que apaguei foi uma grande perda, um rapaz muito bem-relacionado e que dava muito lucro. Achei até que ia assumir uma posição de gerente no esquema... — Raul suspirou.

Tornar-se gerente do esquema e ganhar muito dinheiro deixou Jefter animado, mas um frio percorreu sua espinha ao lembrar que eles não pensariam duas vezes em matar quem não seguisse as regras. Para seu próprio bem, seguiria os conselhos de Raul e ficaria apenas nos baseados.

Antes de Jefter receber as amostras, teve que passar por uma sessão de fotos que levou pouco mais de meia hora. Raul foi o fotógrafo. Estava, definitivamente, aceito no esquema.

Em casa, a primeira providência foi encontrar um lugar seguro para as drogas e também para o dinheiro que ganharia. Usaria o quarto que fora da empregada. A mãe nunca entrava ali e o pai sequer sabia que existia. Depois fez uma lista de potenciais clientes e dos próximos eventos. Naquele final de semana, duas festas estariam rolando na cidade. Seria a oportunidade perfeita para fazer contatos. Ligou para os amigos e confirmou presença em ambas.

Além das amostras, conseguiu que Raul lhe garantisse um estoque de erva, pó e balas. Não via a hora de começar a fazer dinheiro.

24

Jefter entrou na agência segunda-feira à tarde carregando uma sacola de uma loja de calçados.

— Achei que você não daria notícias — disse Raul com cara de poucos amigos.

— Relaxa. Está vendo isto aqui? — Tirou de dentro da sacola uma caixa de sapatos.

— Foi fazer compras? E daí?

— Não. — Abriu a caixa e colocou-a na mesa, bem na frente de Raul. Era muito dinheiro.

— O quê...?

— Vendi tudo. Tudinho. Em um único final de semana. Eles querem mais.

— Parabéns, garoto. Assim você vai longe.

Raul contou o dinheiro e anotou os valores em uma caderneta. Depois fez um maço de notas e entregou a Jefter.

— Sua parte. Divirta-se!

Jefter colocou o dinheiro no bolso interno da jaqueta.

— Quero te mostrar uma coisa, garoto.

Raul abriu um álbum de fotografias que estava sobre a mesa e lá estavam suas fotos. Jefter fez uma careta de nojo. Raul começou a rir.

— Se quiser fazer um bico como modelo... Você até que leva jeito.

— Vá se ferrar! — Jefter ria das poses ridículas.

— Venha aqui amanhã, garoto. Esta agência vai estar cheia de mulheres bonitas. Vou fazer uma seleção para um catálogo.

— Você? Selecionando modelos? Achei que a agência era só fachada.

— E é. Mas nós também negociamos outro produto, tipo exportação. — Pegou um álbum pesado de fotos e começou a folhear.

— Está vendo? São garotas interessadas em trabalhar como modelo. Todas ambiciosas, querendo o de sempre: luxo, dinheiro, homens ricos e mais um monte de coisas. Digamos que nós facilitamos tudo isso.

— Tráfico de pessoas? Como é que você...

— Calma. Nós não traficamos. Como eu disse, nós facilitamos. Elas vão porque querem. Nesse negócio não entra menor de dezoito anos. E é um negócio bem lucrativo.

— Então as garotas vão vir aqui amanhã, daí você vai selecionar, fazer um *book* e... onde está o lucro?

— As fotos são enviadas para o exterior, para donos de boates, casas de *show*, de massagens... Eles escolhem e nós fazemos o contato. Se elas toparem e embarcarem, recebemos comissão.

— E tem garotas que saem do Brasil para trabalhar em boate no exterior?

— Mais do que você imagina. Na verdade, elas nem sabem que estão indo para esses lugares. Geralmente dizemos que vão ser babás, trabalhar em cafeterias... Elas acabam descobrindo lá mesmo, quando não tem como voltar.

— Mas e a polícia? Eles não desconfiam que vocês fazem isso? As garotas contam que vieram aqui, tiraram fotos...

— E você acha que a polícia já não esteve aqui? Já não me fez perguntas? Mas o que eles acharam? Nada. Eles nunca vão achar nada porque esses detalhes não são acertados aqui. E nem comigo. Outros se encarregam dessa parte.

— Você sempre fala em “outros”. Quantas pessoas trabalham nisso, então? Quantos fazem parte?

— Muita gente. Mas não é da sua conta. O *casting* começa às duas.

Antes das duas horas, a fila de mulheres bonitas ocupava todo o corredor do prédio e dentro do estúdio outras tantas se aglomeravam. Um estúdio fora improvisado com tapete, um pano suspenso, preso ao teto e indo até o chão, e dois pedestais com luzes que iluminavam o cenário. O fotógrafo, Carlos, clicava as moças: fotos de corpo e de rosto.

Antes da sessão de fotos, sentavam-se em frente à escrivaninha em que Raul e Jefter, cada um com um *notebook*, anotavam nome, endereço, telefone, idade, peso, altura e outras informações interessantes que as moças davam ao responder as perguntas: “Você fala outro idioma além de português?”, “Gostaria de trabalhar no exterior ou somente no Brasil?”, “Aceita qualquer desafio para realizar seu sonho?”, “Você é uma pessoa que persiste ou desiste diante do primeiro obstáculo?”, “Como sua família lida com o fato de você querer ser modelo: eles dão apoio ou dizem para fazer outra coisa?”, “Você é uma pessoa ambiciosa?”.

Depois do interrogatório, a candidata recebia uma folha com seu nome completo e aguardava para a sessão de fotografias. Antes de sair, assinava um termo autorizando que as fotos fossem divulgadas no *site* da agência, para que clientes e anunciantes pudessem escolher as modelos. Informavam ainda que, caso algum cliente se interessasse, eles entrariam em contato. Jefter nunca tinha participado de um *casting*, mas acreditava que não era bem daquela forma que agências de verdade selecionavam suas modelos.

Carlos foi apresentado a Jefter como “o cara das garotas”. Ele se passava por fotógrafo, ficava com os dados delas, apresentava as fotos aos clientes em potencial, entrava em contato com as interessadas, fechava o negócio.

Jefter não estava muito à vontade com tráfico de pessoas. Parecia desumano enganar uma garota daquele jeito. Chegou a comentar qualquer coisa com Raul.

— Não vai me dizer que você está com dor na consciência, garoto. Estas garotas estão loucas para ganhar dinheiro, morar fora do país, viver um conto de fadas, essas coisas. Se são idiotas e caem na lábria de qualquer um que apareça com dinheiro pra elas, o que fazer? E tem outra coisa que você não sabe: para muitas garotas fazemos abertamente a proposta, sem esconder nada, e muitas aceitam mesmo assim. Então, não fique com pena delas. Sabem muito bem o que estão fazendo. Assim como você sabia o que estava fazendo quando decidiu entrar no esquema.

— Já entendi, Raul, não precisa me dar um sermão. É que eu só estava pensando...

— Eu sei no que você estava pensando, mas, se quer estar nesse negócio, não pense, entendeu? Se deixar a sua consciência falar, vai estragar tudo. Daqui a pouco você vai começar a dar ouvido às pessoas que dizem “Dinheiro de droga? Como você consegue ganhar um dinheiro que não é honesto?”.

— Tá, cara, eu já entendi... — Jefter se arrependeu de ter tocado no assunto.

Raul pegou a carteira e começou a tirar dinheiro de dentro dela, notas de cinquenta e cem reais, e balançou-as na frente de Jefter.

— Esta vendo este dinheiro? Tem alguma marca? Está escrito que é dinheiro de droga? Dinheiro é dinheiro! Não importa se eu trabalhei o mês inteiro em uma fábrica batendo ponto e apertando parafusos ou se eu vendi um quilo de maconha, é dinheiro. Quando você vai a uma loja, as pessoas querem o *seu* dinheiro, não querem saber *como* você ganhou o *seu* dinheiro. Deu pra entender?

— Entendi, entendi. Relaxa, cara. Eu só fiz um comentário.

— Me faça um favor, não faça esse tipo de comentário de novo.

25

Enquanto ajudava Raul a entrevistar as garotas, uma em especial chamou a atenção de Jefter. Magra, alta, olhos de um azul cintilante marcado com lápis preto, cabelos longos e de um loiro platinado. Tinha seios e nádegas de tamanhos interessantes, como ele não pôde deixar de notar. Na entrevista, ela contou que não morava ali, estava passeando na casa da prima. A prima dela, igualmente loira, com olhos igualmente azuis, ficou sabendo do *casting* pelo Facebook.

Deborah morava na mesma cidade da avó paterna de Jefter. A última vez que ele tinha visto a avó foi quando seu avô faleceu, três anos atrás. Mesmo quando o avô era vivo, poucas vezes visitou aquela cidade. Lembrou-se apenas de que era uma cidade pequena, sem atrativos. A garota contou que não pensou duas vezes quando a prima a convidou para o *casting*. Tinha recém-completado dezoito anos e não via a hora de ganhar muito dinheiro e sair da casa dos pais.

Em casa, Jefter procurou por ela no Facebook. Encontrou o perfil como “Deborah Debby”. As fotos que ela postava eram de festas, bebendo cerveja com amigas, sentada na garupa de motos, usando roupas curtas, decotes provocantes. Enviou uma solicitação de amizade e, em segundos, eram amigos. Minutos depois estavam conversando *on-line*. Jefter se apresentou como “o cara da agência de modelos”, ela ficou bem empolgada e conversaram por horas. Deborah acreditava que, dando em cima do “cara da agência de modelos”, teria chance de conseguir um trabalho. E Jefter, passando-se pelo “cara da agência de modelos”, conseguia toda a atenção da garota. Ela ficou ainda mais empolgada quando soube que a avó dele morava na mesma cidade:

Você não gostaria de visitar a sua avó?

Estava pensando seriamente nisso desde hoje à tarde. Não é legal ficar tanto tempo sem visitar a vovó. Kkkkk

Kkkk... Não esquece de me avisar quando você vier.

Com ctz.

Seguiram conversando até altas horas da noite. Jefer descobriu, ao ver uma foto dela usando uma camiseta com desenho da folha da maconha, que ela curti um baseado “de vez em quando”. Ele confessou que também fazia uso da erva “para dar um tempo” quando os pais brigavam e o clima em casa estava pesado. Deborah se surpreendeu com a coincidência.

Isso também acontece com você, é? Que saco, né? Quando eles começam a falar não param mais

Eles brigam e depois descontam em mim.

Bem assim

Depois de se despedirem várias vezes, ele finalmente desligou o computador. “Definitivamente tenho que ir visitar a vovó”, pensou.

Quando foi à agência buscar uma encomenda, Jefer encontrou Raul sentado em frente ao *notebook*.

— Olhe isso aqui, garoto.

Raul girou o *notebook* na escrivaninha e colocou bem diante de Jefter, que assistiu por alguns minutos.

— Por que você está me mostrando isso?

— Achei que você iria querer ver.

— Isso é para me assustar, por acaso?

— Não tem por que ficar assustado se você não fizer nada de errado.

— E o que foi que esse cara fez?

— Não pagou no prazo. Isso foi só um aviso. Se não pagar no próximo prazo, já era.

— O cara ainda está vivo?

— Ele desmaiou, não morreu. Está quebrado, mas está vivo. Por enquanto. Jefter sentiu uma pontada no estômago e um gosto amargo na garganta.

— Não se assuste, garoto — continuou Raul. — Está fazendo tudo certo. Não tem com que se preocupar.

Não sabia dizer o porquê, mas Jefter sentiu que tinha com que se preocupar. Pelas coisas que ele tinha visto e ouvido, já tinha dado para perceber que Raul, Carlos e os outros não estavam para brincadeira. O negócio era perigoso. Muito perigoso. Decidiu que ia ficar no esquema por mais um tempo, acumular o máximo de dinheiro possível e depois fugir. Estava pensando em passar um tempo fora do país, quem sabe aceitar o convite do Mateus e ir para os Estados Unidos.

Depois de fechar o computador, Raul pegou uma mochila preta, sem marca ou detalhes, e entregou a Jefter.

— Certo, garoto. A entrega da encomenda desta vez vai ser um pouco diferente.

— O que tem aqui dentro? — Jefter balançava a mochila para sentir o peso.

— Revistas e jornais velhos. É só colocar nas costas e ir para casa. Vou te mandar mais instruções pelo celular.

26

Ainda sob o efeito anestésico do vídeo que tinha assistido, Jefter seguiu para o apartamento dos pais. No caminho, recebeu as instruções.

Rapaz com mochila preta vai te abordar e te mostrar panfletos. Coloque a mochila no chão. Converse com ele. Ele pega a mochila primeiro. Depois você. Boa sorte.

A poucos passos do apartamento, Jefter foi abordado por um rapaz usando uma mochila preta idêntica à dele, que oferecia às pessoas panfletos diversos: empréstimo consignado, lavagem de tapetes, propaganda de restaurante. Jefter parou e colocou a mochila no chão. Logo em seguida, o rapaz colocou a dele também, bem próxima da outra e entregou os panfletos a Jefter, que fingiu ler, como se tivesse algum interesse. Em seguida, o rapaz pegou uma mochila do chão. Jefter pegou a outra e seguiu seu caminho. Depois que o rapaz se foi, ele se lembrou de onde o conhecia: “*Delivery* de comida chinesa!”.

Em seu quarto, porta trancada, Jefter conferiu a mercadoria: o lucro seria dos melhores. Naquele final de semana, uma *rave* das mais concorridas iria acontecer na cidade e o pessoal estava contando com as “balinhas” para ficar ligado. Ele não iria decepcionar seus clientes.

Há uns dias, tinha recebido uma ligação de um dos organizadores da *rave*, que todos conheciam por Ninja. Ele era o cara que sempre fazia as encomendas e dava a Jefter acesso livre aos espaços VIP. Todos sabiam que, nas festas organizadas por Ninja, só entrava o que havia de melhor: as melhores bebidas, as melhores comidas, as melhores drogas, as pessoas mais bem-vestidas,

as mulheres mais bonitas. Jefter sempre se sentiu seguro para fazer negócios com ele. O cara tinha um escritório pequeno na área VIP e Jefter podia entrar e sair de lá tranquilamente. Para não ter problemas, um carro com segurança o buscava em casa e o levava embora quando a festa acabava.

— E aí, Jef? Tudo certo com a encomenda?

— Sim, estou preparando tudo.

— Seguinte, cara, eu sei que eu te pedi uma quantidade, mas... você pode levar mais?

— Mais? A quantidade que eu levo é bastante, cara. E você sabe, sempre tem o problema com a polícia... Se eu for pego com a quantidade que eu já levo vou ser preso. Imagina se eu carregar ainda mais...

— Jef, faz isso por mim, cara. É que eu vou receber um pessoal muito, muito VIP. Gente que vem para curtir a noite toda e... eles têm dinheiro, muito dinheiro.

— Certo, vou tentar levar mais.

— Valeu, cara. Ufa, você me salvou.

Jefter não gostou muito da ideia de levar mais do que costumava, mas, como o Ninja sempre o ajudou, achou que podia fazer um favor para ele. Na certa estava sendo pressionado pelos VIPs e Jefter sabia muito bem como era chato ser pressionado.

Como não havia ninguém em casa, ele aproveitou para ir ao quarto de empregada e conferir seu dinheiro. Adotou uma prática antiga para guardar suas economias: o bom e velho colchão. Com um estilete grande tinha cortado uma parte da lateral, o suficiente para que pudesse “recheiar” com as notas. Depois arrumava de forma que a parte cortada ficasse virada para a parede. Por não estar sendo usado, o colchão ficava coberto apenas por um lençol de elástico que o envolvia. Tudo simples e acima de qualquer suspeita.

Já as drogas, procurava ficar o menos tempo possível com elas em casa. Tentava sempre receber a encomenda nas quintas ou sextas-feiras e também escondia no quarto da empregada, dentro de caixas que guardavam tranqueiras sem uso. Ali mesmo, naquele quartinho, ele separava, embalava, enrolava e guardava a droga que seria vendida. Aproveitou para preparar uns baseados e ligar para a “turma da fumaça”. Fazia dias que eles estavam cobrando de Jefter uma nova remessa. E, como o próprio Jefter queria relaxar, marcou com os amigos para irem à casa de um deles. Daquela vez, de cortesia, levaria uma garrafa de uísque e energéticos.

27

O que Jefter imaginava finalmente aconteceu. Seus pais se separaram. A mãe colocou em nove malas o “básico” e depois voltaria para buscar o restante. As malas faziam pilhas no centro da sala. Dois táxis foram necessários para transportá-las. O pai enchia um copo de uísque atrás do outro, andava em círculos na sala e se limitava a ouvir a mulher gritar:

— Eu não vou sair dessa de mãos abanando, ouviu? O apartamento da praia é meu! Eu quero as ações! Eu quero a minha parte daquela empresa! Eu sei que você andou gastando o nosso dinheiro com as suas amantes e com jogo! Agora você vai ter que dar um jeito! Não se atreva a cancelar os meus cartões!

Trancado no quarto, Jefter ouvia o que se passava na sala. Ficou pensando com qual dos pais passaria a morar. Não demorou muito para descobrir que ficaria com o pai.

— Eu vou para o apartamento da praia. Acho que o Jefter deve ficar morando com você. Ele é meu filho, eu o amo, porém estamos passando por um momento difícil e a figura paterna vai fazer bem a ele. Ele fica aqui com você.

Jefter tinha uma leve impressão de que a mãe estava querendo se vingar dele pelo fato de não ter contado nada sobre a amante da academia, como se fosse culpa dele o pai ter arrumado uma amante. Ouviu alguém bater à porta do quarto, era a mãe. Foi se despedir, dizer o quanto sofria, mas que eles estariam sempre juntos, que poderia contar com ela sempre que precisasse e mais um monte de coisas que ele sabia que eram só da boca para fora.

Ninja mandou o carro na hora combinada. Jefter sentia-se confiante, sabia que a droga lhe renderia uma quantia gorda. Calculou que em um ano teria juntado um bom dinheiro para sair do Brasil. Conferiu os bolsos da jaqueta para se certificar de que a encomenda estava toda ali. Para não levantar as suspeitas do pai, arrumou a mochila com algumas roupas e disse que iria passar a noite na casa de um amigo. O pai estava no sofá da sala, terminando a segunda garrafa de uísque.

Chegou ao local da festa e, como de costume, já tinha em seu braço a pulseirinha VIP que o motorista tinha lhe entregado. Dessa vez, em vez de seguir direto para a área VIP, o segurança pediu que o acompanhasse a outro local, um espaço fechado, uma espécie de camarim nos fundos do palco, um pouco afastado. Acreditou que seria ali que aconteceria a venda.

Cinco homens que ele nunca tinha visto na vida o esperavam. E não estavam com cara de bons amigos.

— Então é você o playboyzinho que está vendendo na nossa área, né? — O cara era da altura de Jefter, mas muito, muito forte. Os músculos saltavam das mangas de sua camiseta.

— Cara, eu não sei de nada. Isso é uma festa particular, eu achei que...

— Achou que só porque é uma festa particular pode fazer o seu comércio, é? Mas não pode! E o Ninja sabe disso!

Jefter suava frio. Fora traído. O Ninja tinha-o entregado para aqueles caras.

— Tudo bem. Desculpa aí. — Jefter estava tentando encontrar uma saída rápida para aquela situação. — Foi mal, não vai acontecer de novo. Eu tô indo nessa...

— Passa a droga. Passa tudo o que você trouxe.

— Não! — Num impulso, Jefter correu para a porta.

Os outros caras foram mais rápidos que ele e, sem que se desse conta, já tinham tirado sua jaqueta e estavam revistando seus bolsos, tirando seus

sapatos. Um deles lhe dava um soco atrás do outro. Perdeu as forças e foi ao chão. Eles rasgaram os bolsos falsos e pegaram toda a droga que ele tinha trazido. Saquinhos e mais saquinhos de *ecstasy*. Cigarros de maconha. Tudo perdido.

— Isso aqui vai ficar com a gente, entendeu? E vaza daqui. Se a gente te pegar vendendo na nossa área de novo, você está morto!

Com o rosto no chão, sem conseguir se mexer, ele viu os caras indo em direção à porta. Mesmo tonto conseguiu ouvir a voz do Ninja.

— Vocês não mataram o rapaz, né? Eu cumpri a minha parte no trato.

— Não, a gente não matou. Hoje. Mas fica esperto, Ninja. Não vai ter próxima vez, entendeu? Tá na cara que o fornecedor dele é gente grande. Se isso aqui atrapalhar as minhas vendas, tu tá ferrado, cara.

Depois disso, Jefter desmaiou.

Quando acordou, Jefter estava no posto médico do evento. Ninja estava perto, falando no *walkie-talkie*, passando instruções, recebendo informações, enquanto a festa rolava. Jefter foi sentando-se aos poucos, recuperando os sentidos. O abdome doía por causa dos socos que tinha levado.

— Por que você fez isso comigo, Ninja? — A voz dele era fraca.

Ninja desligou o *walkie-talkie*, olhou para o teto do posto médico e respirou fundo.

— Jef, eu fui obrigado. Você é um cara legal, entrega mercadoria boa, mas aqueles caras... eles são perigosos. Eles chegaram aqui e me obrigaram. Desculpa aí, parceiro.

— Parceiro? Vai se ferrar, Ninja! Eles iam me matar!

— Iam. Eles queriam te matar. Eles queriam fazer uma emboscada. Eu negocieei a sua vida, eu disse que você ia trazer mais droga. Ainda bem que você trouxe.

— Só que eu sou um cara morto de qualquer jeito, Ninja. Os caras que me fornecem são tão barra-pesada quanto aqueles ali. Eu não tenho dinheiro para pagar tudo o que foi roubado. Eu tô ferrado!

Ninja já não dava atenção ao que Jefter dizia.

— Desculpa aí, cara. Mas a festa tá rolando e eles precisam de mim. Sabe como é, né? Eu vou mandar o motorista te levar embora. Te cuida.

“Então é isso?”, pensou Jefter. “Te cuida e pronto? Eu tô ferrado!”

28

Como sentiu a claridade batendo em seus olhos, Jefter desconfiou que fosse de manhã. A cortina estava aberta e o sol inundava uma parte de seu quarto. Quem tinha aberto a cortina?

— O que é que você fez? Brigou? Foi por causa de mulher?

Era o pai, sentado na sua cama, perto de seus pés.

— Foi. Da próxima vez eu tenho que ter certeza que ela não tem namorado.

— Pelo jeito a briga foi feia.

— Foi. Uma confusão.

— E por falar em confusão, me diz uma coisa: desde quando você fuma maconha?

“Merda, merda, merda”, pensou Jefter. “Ele revirou as minhas coisas de novo.”

— Tá, eu fumei um, sim. Eu queria saber como era. Ah, pai, qual é? Vai dizer que nunca teve curiosidade? Nunca quis experimentar?

— Experimentar? Dez baseados?

“Merda, merda, merda! Me esqueci de guardar no esconderijo os baseados da turma da fumaça. Ele tinha que mexer de novo no meu guarda-roupa?”

— Não são meus. São de um amigo. Ele me pediu pra guardar.

— Que amigo você tem?!

— Eu vou devolver tudo hoje.

— Não. Um amigo que pede pra guardar drogas na minha casa não é um amigo.

O pai se levantou da cama, foi até o banheiro, destruiu os baseados, jogou tudo na privada e deu a descarga.

— Por que você fez isso? Eu disse que ia devolver pra ele!

“Merda, merda, merda! Estou lascado!”

— Filho, tenho outro assunto para falar com você. Nós vamos nos mudar.

— Mudar? Pra onde?

— Eu vou fechar a empresa. Vou pedir falência. A sua mãe e eu vamos começar um longo e cansativo processo de divórcio que eu nem sei onde vai parar. Quero começar um negócio menor, em outra cidade.

— Ah, não, pai...

— Escute! E depois do que encontrei, acho que eu devo te afastar desses seus amigos.

— E nós vamos pra onde?

— Bem, na verdade, eu conversei com a sua avó. Eu contei pra ela sobre o divórcio. Você acredita que a sua avó gostou da notícia? Na verdade, ela nunca gostou muito da sua mãe mesmo. Ela nos convidou para morar na casa dela...

— Putz, era o que faltava. Morar na casa da vó.

— É só por um tempo. Depois a gente encontra um apartamento e se muda.

— A gente vai se mudar quando?

— Bom, na verdade, você vai antes de mim.

— O quê?!

— Isso mesmo. Eu tenho muitas coisas para resolver aqui, mas eu pretendo encerrar tudo até o final do ano. Provavelmente em dezembro. Eu já falei com a sua avó e ela ficou muito feliz em receber você na casa dela. Já combinei tudo e vou mandar um pouco mais de dinheiro do que já mando. Infelizmente vou ter que cortar outras despesas e não vou conseguir pagar uma escola particular. Mas só falta meio ano pra você terminar e tem uma escola pública bem perto da casa dela.

Jefter respirou fundo.

— Espero que você me entenda.

O pai deu uma batidinha no ombro de Jefter, saiu do quarto e fechou a porta. Jefter sentou-se na cama, sem saber o que fazer. Além do corpo, a cabeça doía. “Estou ferrado!” Era a única coisa que conseguia pensar.

Levantou-se e foi até o espelho. Estava sem camisa e dava para ver onde os socos o tinham acertado. A pele de seu abdome, branca, estava marcada por hematomas roxos e azulados. Foi procurar a roupa que tinha usado na festa. O forro da jaqueta estava rasgado e os bolsos também. Iria direto para a lata do lixo. Apalpou a calça jeans e, por um milagre, seu celular ainda estava lá. Restava um pouco de bateria. Escreveu uma longa mensagem e enviou.

— Seja o que Deus quiser.

Pegou uma toalha e entrou no banheiro. Meia hora depois, enquanto esfregava a toalha no cabelo para secá-lo, viu que tinha recebido uma SMS.

Estamos cuidando do assunto. Apague todas as mensagens. Até segunda-feira.

Ligou o computador e viu que Deborah estava *on-line*. Começou a teclar.

Oi, Debby. Tenho boas notícias.

Jefter tinha um plano.

29

— VOCÊ É UM IDIOTA!

Raul bateu com as mãos abertas na escrivania.

— Eu tenho dinheiro. — Jefer sentiu que precisava falar alguma coisa para acalmá-lo. — Não cobre tudo o que foi roubado...

— Esquece, garoto. O que você tem não paga nem a metade. E que história é essa de se mudar? Se você está pensando em fugir, esquece! A gente te acha até no inferno.

— Não, não vou fugir. Mas é que o meu pai quer me mandar para a casa da minha vó. Eu desconfio que ele queira se livrar de mim para aproveitar mais um tempo com a amante. Ele disse que vai se mudar também no final do ano, mas eu duvido.

— Tá, e daí?

— Eu tenho um plano. Sabe aquele *casting*? Eu conheci uma garota que mora naquela cidade.

— E...?

— Estou conversando com ela desde aquele dia. Ela está muito a fim de sair da casa dos pais, de morar fora do Brasil. Ela também curte uma erva...

— Esquece. — Não esperou Jefer concluir. — Você não vai colocar ela no esquema.

— Claro que não. Ela vai *ser* o esquema.

Raul levantou a sobrancelha.

— Qual é o plano, gênio?

— Usá-la para entregar, sem que ela saiba que está entregando.

— E você acha que ela não vai perceber? — disse Raul, irônico. — Você acha que ela vai cair na sua conversinha?

— Não custa tentar.

— Custa. Custa, sim. E você sabe o quanto custa. — Então Raul parou de falar. — Mas... se você conseguir mandar a garota para fora do país com uma encomenda...

— O que acontece?

— Você paga a sua dívida e ainda fica com crédito.

Era tudo o que Jefter queria ouvir.

— Quanto tempo eu tenho?

— Te dou até três meses.

— Então considere a dívida paga.

Naquela mesma noite, Jefter conversou com o pai. Perguntou o que foi feito da garagem da casa da avó, pois, depois que o avô morreu, o carro foi vendido. Segundo o pai, a garagem estava fechada e era usada como depósito de pequenas tralhas. Questionou se a avó o deixaria arrumar a garagem, pintar, mobiliar e morar nela. É que ele levaria sua caixa de som, guitarra, televisão, *video game* e não tinha certeza se a avó gostaria de barulho dentro de casa. Seus argumentos foram muito convincentes quando alegou que estaria de favor na casa da avó, não querendo, de forma nenhuma, atrapalhar a rotina dela.

O pai de Jefter concordou com o filho. Conhecia sua mãe e sabia que ela nunca gostou muito de barulho, televisão alta, som ligado. Agora, mais velha, certamente estaria mais sensível a tanto ruído. Ele sabia também que adolescentes não costumavam ser silenciosos. Prometeu que conversaria com ela.

Se tudo corresse dentro do esperado, Jefter teria um lugar só para ele. Transformaria a garagem em seu refúgio temporário. Aproveitaria para conhecer a cidade, saber quem vendia drogas e o que vendiam. Se sentisse que o lugar tinha potencial, iria fazer mais algum dinheiro. Durante o tempo que ficou trabalhando diretamente com Raul, ele aprendeu uma coisa: discrição. Quanto menos aparecesse, melhor. E para não ser pego novamente, usaria outras pessoas para fazer o trabalho. Deixaria-as tão envolvidas no esquema que comeriam na palma de sua mão. Ameaçaria, se necessário. Agora ele já sabia o que fazer. E decidiu que faria bem-feito.

Entrou no Facebook e contou a novidade para Deborah: em poucas semanas estaria se mudando para a casa da avó. Nas três horas que ficaram conversando, Jefter descobriu muita coisa interessante que iria ajudar em seus planos. Descobriu que Deborah estava tão a fim de ir para fora do Brasil que não se importava se teria que trabalhar em boate, servindo bebidas. O que ela queria era grana. Jefter concluiu que isso facilitava muito as coisas, pois uma pessoa ambiciosa como ela, estava disposta a fazer qualquer coisa por dinheiro.

Depois de tanto tempo de conversa, Deborah já tinha dado a ele muitas informações importantes: quem eram os traficantes da região, onde eles vendiam e quanto cobravam. Ela comentou sobre potenciais clientes, gente que costumava “cheirar socialmente” e também sobre as festas que rolavam na cidade e na região. Tentaria convencer Raul a lhe fornecer as drogas. Afinal, cidade nova, clientes novos.

30

As caixas com os pertences de Jefter foram levadas do apartamento para o baú do pequeno caminhão estacionado em frente ao edifício. Olhou o quarto vazio e teve certeza de que seria a última vez que estaria ali.

No dia anterior à mudança, aproveitando a ausência do pai, ele tinha ido ao quarto de empregada resgatar o dinheiro do colchão. Para transportá-lo, pegou um livro grosso de capa dura, cortou o miolo com estilete e fez um buraco com tamanho apropriado para guardar as notas. O livro fazia parte de uma enciclopédia que ganhara da avó há muito tempo. Aproveitou para se desfazer dos demais volumes. “Será que alguém ainda usa enciclopédia nos dias de hoje?”

Sua mãe ligou. Disse que sentia muitas saudades, que gostaria de pelo menos lhe dar um abraço de despedida, mas, como não tinha sido avisada da mudança, acabou agendando uma viagem para o Nordeste.

Jefter era mais apegado à mãe que ao pai, que, por conta do trabalho, nunca tinha muito tempo para brincar com ele. Depois foi a vez de a mãe ficar atarefada com eventos sociais, festas, salão de beleza, tarde com as amigas. Por fim, a pessoa que mais deu atenção foi a empregada, que cuidou dele por dez anos. O dia em que o pai a dispensou por não ter como pagar o salário foi como ter perdido alguém da família.

A avó também ligou. Disse que estava feliz em receber o neto e que ele poderia ficar na garagem, se era isso que desejava. Sabia que os jovens gostavam de espaço. Gostou ainda mais da avó. Daquela forma se entenderiam muito bem: ele não invadiria o espaço dela, ela não se intrometeria nos negócios dele.

Quatro horas de estrada. Esse era o tempo que separava a cidade em que sempre morou, capital, agitada, divertida, interessante, da cidade para onde estava se mudando, pequena e pacata. Torcia que fosse por pouco tempo.

Uma semana depois da mudança, Jefter estava, finalmente, ocupando seu espaço. A garagem, em bom estado, só precisou de alguns ajustes. Foi lavada do forro ao chão. Depois ele pintou as paredes. Comprou ferramentas, instalou prateleiras, fez trabalhos que nunca tinha feito antes na vida. Comprou cama, colchão, roupas de cama, utensílios e outras coisas para seu espaço.

Enquanto arrumava a garagem, ficou ocupando um dos quartos da casa da avó. Acompanhando a rotina dela e de sua cuidadora, percebeu que a avó era uma pessoa ativa, que gostava de se reunir com as amigas para jogar baralho, frequentava o clube de idosos, o clube de oração da igreja e ainda tinha disposição para fazer artesanato. Jefter ficou muito interessado nas bonequinhas de feltro colorido em formato de ovo que a avó costurava e depois enchia com fibra. Ele já tinha ouvido falar naquelas bonequinhas que se chamavam matrioskas.

Com a avó, ele foi até a escola para fazer a matrícula. Uma escola pública que ficava a algumas ruas de sua casa nova. Pediu para ser matriculado à noite, porque queria conseguir um trabalho durante o dia. A avó não fez objeção.

Naquela noite foi à escola, porém não entrou, ficou no portão. O celular vibrou em seu bolso. Era a mensagem que ele esperava.

No portão

Onde você está?

Fica aí. Estou chegando.

— Oi, Jef.

— Oi, Debby.

O sinal da escola tocou às sete horas em ponto.

— Vamos conversar? — sugeriu Jefter. — Eu conheço um lugar perfeito.

— Só se for agora.

Os dois saíram da frente da escola, ganharam a rua e seguiram para a garagem.

Tinham muito o que conversar.



– Eu sabia! – Ele ria e batia palmas.

Os olhos de Rita iam de Jefter para o motoqueiro. Estava perplexa, não entendia o que estava acontecendo. O que era aquilo? Jefter tinha um comparsa? Ou era um inimigo?

– Anda, tira esse capacete! – ordenou Jefter.

31

Antes mesmo de falar com a mãe, contou para Malu: tinha conseguido um emprego. Sempre contou tudo primeiro para Malu. Quando foi aprovada na faculdade, quando recebeu uma bolsa de estudos para artes, quando foi aprovada no primeiro semestre da graduação com as melhores notas. E contou que fora contratada por uma ONG para trabalhar com arteterapia na reabilitação de dependentes químicos.

Quase não acreditou quando soube que tinha sido escolhida. Passada a empolgação de ter conquistado um novo trabalho, a consciência pesou. Lembrou que um ano antes estava traficando. Sabia que tinha sido enganada e depois ameaçada, mas, mesmo assim, nada fazia Rita esquecer o que tinha feito.

“O que passou passou”, disse para si mesma. “Não vou deixar escapar esta oportunidade e vou fazer o meu melhor.” Imaginava que, na ONG, teria a chance de ajudar e até mesmo compensar o mal que poderia ter causado a alguém.

Quando contou que deixaria o supermercado, sentiu certo remorso pelo entusiasmo. Deveria ter sido mais contida. Desde que terminaram o ensino médio, a vida de Rita progrediu. A de Malu não. Continuava na mesma padaria, fazendo o mesmo trabalho sem ter nenhum reconhecimento, nem sequer tentou uma vaga para a faculdade. Além do mais, a situação da mãe da amiga era muito delicada. Ela estava em tratamento contra o alcoolismo. Não podia ficar sozinha ou perto de pessoas e lugares com bebida alcoólica. Nem mesmo perfume Malu podia ter em casa, pois, em uma crise de abstinência, sua mãe o beberia. Assim que Rita começasse a trabalhar na ONG, buscaria mais informações para ajudar a mãe de Malu.

Finalmente contou a novidade em casa. A mãe precisava de boas notícias, principalmente depois de meses de interminável vaivém entre a casa e o hospital. O falecimento do avô de Rita aos poucos fez surgir uma nova rotina: o irmão passou a estudar em período integral, Rita cursava artes à noite e trabalharia em uma ONG como educadora, e a mãe falava em arrumar um emprego.

Rita foi até o supermercado e pediu demissão. Sentiria saudade dos colegas, de estar com eles todos os dias. Do trabalho, honestamente, não sentiria nenhuma falta. Queria ter bastante confiança para enfrentar os desafios da nova profissão, mas não estava totalmente segura. Tudo seria novo. Novo local de trabalho, novo chefe, novos colegas e algo que até então era inédito para ela: alunos. Ela teria alunos! Sentiu dor no estômago de tanta ansiedade.

Andando pelos corredores do supermercado, ela ia deixando para trás uma etapa de sua vida, lembranças boas e ruins. Quando saiu do seu antigo local de trabalho e ganhou a rua, respirou fundo e sorriu. Era grata pela oportunidade de ter trabalhado ali, pois foi dada no momento em que mais precisava, mas estava decidida que, dali em diante, entraria no supermercado novamente só como cliente.

32

— Oi, eu sou a Rita — disse ela se dirigindo a um rapaz que digitava no computador da recepção da ONG Atitude.

— Ah, sim, você é a professora de artes. — Ele estendeu a mão para ela. — Seja bem-vinda. Meu nome é Diego.

— Me mandaram falar com o senhor Fernandes.

— Olha, ele está em uma oficina agora. Vai acabar em quinze minutos. Se você quiser, eu posso te mostrar o lugar.

— Eu gostaria muito.

— Então vamos lá.

Diego mostrou a Rita todos os espaços da ONG, que funcionava em uma casa de um piso. Os quartos tinham sido transformados em salas de aula e nos fundos havia um pátio, não muito grande, mas com árvores que faziam sombra abundante. Mesas longas, bancos e cadeiras ficavam embaixo das árvores. Diego disse que, quando não estava chovendo, as aulas de arte eram dadas ali, ao ar livre.

Quanto mais conhecia tudo, mais sentia vontade de estar ali. Diego ia contando histórias de pessoas que a ONG estava ajudando e que já tinha ajudado. Contou sobre a dedicação do senhor Fernandes. Definitivamente, Rita sentiu que tinha encontrado seu lugar.

Ao mostrar a sala de música, Diego pegou um violão e começou a dedilhar uma melodia que ela já tinha ouvido antes. Diego contou que era professor de música e que trabalhava com musicoterapia fazia dois anos.

— E também toco em barzinhos — confidenciou ele.

— Você é músico profissional?

— Sim. Eu toco profissionalmente também. Sabe como é, a gente tem que se virar como pode.

— Nem me fala. Eu entendo perfeitamente.

— Ei, você nunca me viu tocar naquele barzinho na frente da faculdade? Eu toco lá toda sexta-feira.

De repente, Rita sentiu um enorme constrangimento: nunca tinha ido ao barzinho. Saía da faculdade e pegava o ônibus para casa. Várias de suas colegas “enforcavam” a última aula de sexta para conversar e beber cerveja. Apesar dos inúmeros convites, ela sempre arrumava uma desculpa.

— No meu outro emprego, eu trabalhava no sábado de manhã e tinha que dormir cedo.

— Bom, mas agora você não trabalha mais aos sábados, né? Pelo menos aqui nós trabalhamos de segunda a sexta. Ou você tem algum trabalho extra no sábado?

— Não, não. Sábado é para descansar. Ufa!

— Então, neste caso, na sexta-feira você pode ir lá me ver tocar. Vai ser bem legal. Eu selecionei um repertório mais anos 80 e 90. O pessoal já estava pedindo fazia um tempo.

Rita entrou em pânico.

— Cla... claro. Eu vou. Vou lá ver você... Quer dizer... o seu *show*... A... sua apresentação... Eu vou dar um jeito de ir.

Rita não sabia por que estava tão confusa. Talvez a explicação estivesse nos hipnotizantes olhos castanho-claros que acompanhavam cada palavra e movimento dela. Pareciam olhos sinceros, demonstravam real interesse. Nunca tinha sido olhada assim. Nem por Beto, nem por... Não queria pensar naquilo de novo.

A chegada do senhor Fernandes interrompeu seus devaneios.

— Muito prazer, Rita. Eu sou o Fernandes. Já conheceu o Don Diego?

“Don Diego? Isso explica aquele olhar. Como é que ele ficaria atrás da máscara do Zorro?”

Rita balançou a cabeça tentando se livrar de pensamentos inoportunos.

Prestou atenção em cada palavra do senhor Fernandes: horário, rotina de trabalho, materiais, planejamento das oficinas. Diego às vezes se intrometia e dizia que, se ela precisasse de alguma coisa, poderia contar com ele. Depois foi apresentada aos alunos como a nova professora de artes.

Em um intervalo entre as oficinas, Rita aproximou-se da janela, de onde podia ter uma visão do pátio. Viu Diego com os alunos, sentados em pufes feitos com pneus. Ele começou a tocar e cantar, acompanhado pela turma. Era um *rock* dos anos 80.

33

Rita, que sempre lotava sua pasta da faculdade de livros e papéis, naquela sexta-feira optou por levar somente os materiais necessários, deixando, assim, espaço para uma blusa mais bonita, escova de cabelo, bolsinha com maquiagem, frasco de perfume.

Sem culpa, ela aceitou o convite das colegas para ir ao barzinho. Foi ao banheiro, trocou a camiseta por uma blusinha preta com decote em V, aplicou lápis, rímel, *gloss* e escovou os cabelos. Notou que estavam longos demais. Pegou um elástico e fez um rabo de cavalo. Decidiu trocar o *gloss* por um batom rosa mais forte. A mudança de visual fez as colegas soltarem vários “uau” assim que saiu do banheiro.

Da rua já ouviam o som do violão e a voz que, Rita sabia, era de Diego. Sentiu-se subitamente animada, fazia pelo menos um ano que não se sentia tão bem. As mesas do barzinho estavam quase todas ocupadas. Acharam uma em um canto, perto da saída, a única disponível. Rapidamente, o garçom providenciou mais cadeiras e logo chegaram mais garotas, amigas das amigas das amigas, que formaram um grupo de mais ou menos doze universitárias. Diego notou a chegada de Rita, pois, no intervalo entre uma música e outra, acenou para ela e piscou.

— Você conhece o carinha? — quis saber uma delas.

— Sim, trabalha comigo na ONG.

A conversa fluiu por diversos assuntos: filmes, novela, atores, roupas, maquiagem, promoções, política, oportunidade de emprego. As músicas que Diego tinha escolhido para o repertório estavam agradando, e as pessoas cantavam junto e aplaudiam depois.

O caminho para o banheiro passava necessariamente pela frente do palco. Para chegar até lá, Rita precisou caminhar entre as mesas. Diego cantava e a acompanhava com os olhos. Constrangida, sentiu como se todos os olhares estivessem voltados para ela. Retocou o batom, olhou-se de cima a baixo no espelho. Mal saiu do banheiro e foi agarrada pelo braço.

— Não grita e vem comigo.

Rita foi praticamente arrastada através de uma portinha lateral que levava ao estacionamento, até um lugar escuro e deserto.

— Agora me larga!

Rita puxou com força o braço, libertando-se da mão que o apertava.

— Onde está o seu namoradinho?

— Não sei. Ele sumiu. Desapareceu.

— Eu espero que ele tenha sumido mesmo. Quando ele deixou de mandar as encomendas e você deixou de fazer as entregas, eu quase me ferrei com os clientes.

— Azar o seu. — Rita lamentou não ter uma sacola para jogar na cara dele de novo.

— Escuta aqui, piranha, não foi fácil arrumar outro fornecedor. Você não vai estragar tudo!

— Se essa é a sua preocupação, então relaxa. Nunca mais vi o Jefter.

O homem de óculos à sua frente mudou de expressão e, sorrindo, fez um convite a Rita.

— E você? Não se interessa em continuar entregando? Você era muito boa em fazer entregas. Eu sempre elogiei sua discrição...

— Não. Eu não faço mais isso. Nunca mais.

Ele levantou as duas mãos, dando-se por vencido.

— Tudo bem.

Então endureceu o olhar e apontou o dedo em direção a Rita de forma ameaçadora.

— Mas já sabe. Se eu te pegar entregando qualquer coisa aqui na faculdade, garota, você vai se ferrar!

Depois deu as costas a Rita, dirigiu-se a uma caminhonete e partiu cantando pneus.

Rita esperou até chegar ao banheiro para desabar. Todos os reservados estavam ocupados, então se encostou na parede, cobriu o rosto com as mãos e chorou. Quando pensava que os fantasmas do passado tinham ido embora para sempre, eles achavam um jeito de assombrá-la. Em vez de medo, sentiu raiva. “Quando é que isso vai acabar de vez?”, ela se perguntava.

Uma garota que estava na mesa com elas entrou no banheiro e a encontrou naquela situação. Ela era amiga de uma colega e, se não estava enganada, chamava-se Amanda.

— O que foi que aconteceu? — Amanda parecia sinceramente preocupada.

— Ex-namorado. Foi isso que aconteceu.

— O que ele fez com você? Te ameaçou? Agrediu?

— Não, não, ele não fez nada disso. Mas sabe como são ex-namorados: sempre aparecem quando a gente está bem.

— O pior é que você tem razão. Mas deixa o ex pra lá e volta com a gente pra mesa. O papo está ótimo — convidou Amanda.

— Infelizmente não vai dar.

— Deixa de bobagem. Lava o rosto e passa batom que tudo fica certo.

— Não, não vai dar mesmo. Eu já estou com a cara inchada e quero mesmo é ir pra casa. Pra mim, a noite acabou. Me faz um favor? Avisa lá na mesa que eu tive que ir embora.

Amanda voltou para a mesa e Rita saiu do bar o mais rápido que pôde. Infelizmente Diego a viu, e Rita teve a impressão de que ele percebeu sua cara de choro.

34

Quanto mais perto da ONG, mais embaraçada Rita se sentia. Tinha ido ao barzinho para ver Diego tocar e acabou saindo de lá com a cara inchada de chorar. Ainda se perguntava se ele a teria visto ir para o estacionamento com o cara de óculos. Na sala dos professores, enquanto preparavam os materiais para as oficinas, Diego puxou conversa.

— E então, o que você achou da minha apresentação?

— Adorei. Você canta e toca muito bem. Parabéns.

— Achei que não tinha gostado. Você foi embora cedo.

— Problemas...

— Eu não quero ser intrometido, mas eu vi você ir para o estacionamento com um cara e depois você voltou chorando. Ele, por acaso, é...

— Passado. Ele, por acaso, é alguém do passado e que vai ficar por lá.

A resposta soou ríspida e antipática e fez Rita se sentir pior ainda. Sabia que Diego estava tentando ser legal e parecia realmente preocupado. O problema é que ela já tinha se dado muito mal com gente que parecia legal.

— Desculpa, Diego. Eu não quis ser estúpida. É que aquele cara realmente foi algo muito ruim que aconteceu na minha vida. Eu gostaria de nunca ter conhecido ele. Detesto quando as pessoas mentem pra mim e não vou mentir pra você: ele estava tentando se reaproximar. Mas eu deixei bem claro que não tem volta. Passado é passado. Ponto.

— Olha, Rita, eu não quero me meter na sua vida, a gente trabalha juntos, você é legal e fiquei preocupado quando te vi chorando. Cheguei a pensar que ele tinha te agredido.

— Não, não. Ele não chegaria tão longe.

— Que bom, porque você é legal, legal mesmo. Adoro as suas oficinas. Eu fico olhando você... — Diego parou de falar de repente, ficou vermelho, sentiu que estava falando mais do que devia.

— Você fica me olhando durante as oficinas? — Rita falava como se estivesse repreendendo seu comportamento, quando, na verdade, estava adorando.

— Só aconteceu uma vez. Eu juro. — Ele juntou as mãos. — E foi sem querer, eu não resisti.

Rita simulou uma cara zangada e logo em seguida começou a rir. Diego era engraçado, carismático, dava vontade de ficar conversando por horas. E era praticamente impossível ficar brava com ele.

— Tudo bem, está perdoado. Da próxima vez, venha participar das minhas oficinas em vez de ficar espiando.

— Eu topo. Mas só se você der a honra da sua presença na minha oficina de música.

— Combinado.

— E já anota aí: sexta-feira tem “Diego Voz e Violão” a partir das nove no barzinho universitário. Te espero lá!

Na quinta-feira, Rita saiu mais cedo da ONG e foi ao salão de beleza. Cortou os cabelos na altura dos ombros. Lavados, cortados e escovados, eles eram brilhosos, coisa que Rita nunca tinha notado. Os cabelos pesavam grammas, mas pareceu que tinha se livrado de uma tonelada.

A universidade já estava a mil, com os corredores lotados de alunos se dirigindo para as salas. Encontrou as colegas pelo caminho e teve que dar, pela

enésima vez, explicações do que tinha acontecido na sexta-feira. Disse a elas que tinha que ir à biblioteca.

Rita examinava com atenção os livros de arte numa estante enorme.

— História da arte... história da arte... — Rita murmurava enquanto passava os dedos pelas lombadas dos livros. Pensou em pedir ajuda, pois sempre se enrolava para encontrar o que queria.

— Posso te ajudar?

Aquela voz fez subir um arrepio da lombar à nuca e seu corpo tremer em um espasmo. Uma voz do passado.

35

— Adorei o seu corte de cabelo. Assim fica bem melhor.

Rita virou-se lentamente, na esperança de que a voz fosse nada mais que um delírio. Contava que, quando se virasse, não haveria ninguém ali.

— O que é que você quer, Jefter?

— Senti saudade.

Jefter estava diferente. Magro, parecia estar mais alto. Os cabelos loiros pintados de preto e os olhos verdes cobertos por lentes de contato escuras. Não parecia ser o cara por quem um dia tinha se apaixonado. Chegava a dar pena olhar para ele. Mas Rita não se iludiu, sabia do que ele era capaz. Só que agora ela estava preparada para enfrentá-lo.

— Fala de uma vez o que você quer, Jefter. Saudade de mim eu sei que não é. Aliás, eu gostaria de te matar. Acho até que eu vou gritar...

Rapidamente Jefter se aproximou e cobriu a boca de Rita com uma mão. Com a outra levou o indicador aos lábios e fez “shhh”. Olhou para os corredores e não havia ninguém por perto.

— Se eu fosse você, não gritaria. Você já sabe do que eu sou capaz.

Rita tentou se livrar, mas o que ele falou fez com que ela congelasse.

— Você não gostaria que a ONG soubesse que você foi traficante?

Rita arregalou os olhos. Ele não teria coragem de fazer aquilo. Pensando bem, ele teria.

Lentamente Jefter retirou a mão da boca de Rita, que já não tinha mais intenção de gritar.

— Ritinha, eu não quero destruir o seu mundinho patético de faculdade-ONG-cantorzinho de bar. Tudo pode continuar exatamente como está. Basta fazer umas entregas para mim.

— Não... Não... Por favor... — Rita sussurrava. — Eu não posso fazer aquilo de novo...

— Sim... Sim... — Jefter imitou a voz de Rita.

— Você não presta — disse entre dentes.

— Ritinha, não seja tão dura comigo.

A raiva da moça só aumentava.

— Eu vou embora agora — continuou ele. — Boquinha fechada. Entro em contato com você daqui a uns dias pra te dizer o que fazer...

— Eu não vou fazer nada.

— Veremos.

Jefter foi se afastando, apressando o passo, enquanto Rita parecia presa ao chão. Levou as mãos ao rosto e não conseguiu mais controlar o choro.

— Meu Deus, será que toda vez que a gente se encontrar você vai estar chorando?

Não tinha percebido Amanda chegar. Ela estava ao seu lado, colocando a mão em seu ombro, tentando consolá-la.

— Você tem dedo podre para namorados, né?

Rita começou a rir e a secar as lágrimas.

— Nem me fala.

— Gostei do cabelo. Ficou bem melhor assim. Mas me diz uma coisa, este cara que passou por mim no corredor é o seu último namorado ou foi o anterior...

— Desculpa, Amanda, mas eu não quero falar sobre meus ex-namorados babacas que resolveram me atormentar.

— Você tem toda a razão, Rita. Chega de falar de babacas. Vamos falar de outras coisas. Me conta onde você cortou o cabelo. Amei o corte e estou pensando...

Conversando sobre cortes de cabelo e salão de beleza, elas saíram da biblioteca.

36

Diante do espelho do banheiro, Rita escovava o cabelo. Mais curtos, os fios não embaraçavam mais. Sua vida, no entanto, estava cada vez mais enrolada. Amaldiçoou o dia em que se interessou por Jefter e, cega, fez tudo o que ele pediu. Quando pensava no que tinha feito um ano atrás, sentia muita vergonha, tinha vontade de bater com a cabeça na parede.

Rita abriu a bolsa e puxou o envelope pardo, tamanho A4, que tinha sido deixado para ela na secretaria da ONG naquela tarde. O senhor Fernandes recebeu o envelope e podia apostar que tinha sido o próprio Jefter quem se dera ao trabalho de levar até lá. No envelope estava sua fotografia, impressa, comprometedora. Ela, dormindo, rodeada de pacotinhos de cocaína e comprimidos de ecstasy. Ter entregado na ONG era um recado claro de que ele iria destruir a vida dela se não fizesse o que ele queria.

Ligou o chuveiro. Pegou a caixinha de fósforos, riscou um e pôs fogo na fotografia. Ficou segurando a imagem pelas pontas até que sobrasse apenas um pedacinho de nada. Jogou na privada e deu descarga. Depois tomou banho. Lavava o corpo para se livrar de todas as lembranças, de tudo o que vivera com Jefter. Queria poder lavar o passado, com água bem quente e sabonete.

A caminho do quarto, a mãe de Rita chamou.

— Você sentiu cheiro de queimado, filha?

— Senti. Acho que o chuveiro queimou. Amanhã tem que chamar alguém pra arrumar.

Trancou a porta do quarto, pegou o celular e enviou uma mensagem. Segundos depois, recebeu a resposta.

Amanhã. 7 horas. Biblioteca. Eu te encontro.

Passou o dia apreensiva: Jefer poderia querer presenteá-la com outra fotografia. Se alguém da ONG visse aquela, nenhuma explicação seria suficiente. “O que Diego pensaria dela?”

Por um momento, Rita comparou os dois rapazes e chegou a algumas conclusões. Jefer era o inferno, Diego era o paraíso. O primeiro lhe atormentava com fotos, o segundo lhe mostrava uma nova composição. Um deixava em sua boca o gosto amargo de desgosto e bile, o outro a adoçava com *macarons*. O primeiro, ela desejava que desaparecesse; o segundo, desejava que nunca saísse do seu lado.

Rita entrou na biblioteca faltando cinco minutos para as sete. Sentada no sofá, lendo um livro, estava Amanda. Deu a volta, passou bem longe do espaço de leitura e fez um malabarismo para não deixar que a garota a visse. Não estava com clima para conversa fiada.

Entrou num dos corredores de prateleiras e, como não tinham combinado em que setor deveriam se encontrar, decidiu pelo de arte. Lembrou-se de que ainda não tinha pegado o livro de história da arte para fazer o trabalho e achou que seria uma ótima oportunidade para procurá-lo, ao menos ela se distraía e se acalmava.

Não esperou muito tempo até ouvir uma voz conhecida.

— Gostei do novo corte de cabelo.

Rita ficou olhando o rapaz por alguns segundos até conseguir identificá-lo. Tênis, calça *jeans*, camiseta da biblioteca, crachá com o nome “DANIEL”, óculos de aros grossos e pretos, boné com o emblema da universidade.

— Nossa, eu nunca ia te reconhecer.

— Esta é a ideia. Não prejudica meu trabalho. E por falar em trabalho, vamos olhar uns livros enquanto conversamos. Afinal, sou funcionário da biblioteca. — Ele virou-se para a estante e puxou alguns exemplares.

— Claro... — Rita também se virou para a estante, como se procurasse por algum livro.

— Então ele voltou a te procurar.

— E a me ameaçar. — Rita abaixou ainda mais o tom de sua voz. — Ele deixou um envelope na ONG onde eu trabalho.

— O que tinha dentro?

— Uma fotografia. — Rita já estava arrependida de ter contado.

— Fotografia?

— Sim. Uma fotografia minha, dormindo, rodeada de... você sabe.

— Ele está jogando baixo para conseguir o que quer.

— Eu sei — disse mordendo o lábio inferior.

Rita respirou fundo antes de continuar.

— Eu sabia que ele viria atrás de mim outra vez. Eu sempre soube que ele não me deixaria em paz. O bilhete... era um aviso.

Marcus franziu a testa.

— Que bilhete, Rita?

— No dia da minha formatura eu recebi um bilhete. Estava escrito “Parabéns pela formatura. J.”

— Por que você não me contou?

Rita engoliu a vontade chorar.

— Tudo bem, Rita. Eu entendo — disse ele.

— Acho que não entende, Marcus. Depois de tantos meses... Por que eu? De novo?

Pararam de conversar enquanto dois alunos passavam por eles em direção à sala de estudos individuais, no fundo da biblioteca. Novamente sozinhos, Rita quebrou o silêncio.

— Marcus... Quer dizer, Daniel, eu... estou com medo. Demorou tanto para eu me recuperar, eu... consegui conquistar tantas coisas, minha vida está tão melhor agora, eu... estou gostando de uma pessoa, eu... — Rita deu um suspiro. — Eu não quero passar por tudo aquilo de novo. Na época eu não sabia, eu era ingênua, estava apaixonada, ele me enganou, mas... mas agora... agora... não dá! Não dá pra viver tudo aquilo de novo!

— Rita... Calma. A gente vai acabar com isso tudo de uma vez. Por isso nós vamos ter que fazer bem-feito. E vou precisar da sua ajuda.

— Mas, Marc...

— Eu sei. Mas se você não der um basta, ele nunca vai parar, Rita. Ele vai te ameaçar, vai te usar, vai te deixar em paz um tempo e depois vai fazer tudo de novo. E vai fazer o mesmo com outras garotas. Ele está encrencado, precisa vender, precisa de dinheiro. Falta pouco pra gente acabar com a quadrilha. Precisamos da sua ajuda.

Rita suspirou.

— Tem mais uma coisa. O cara que recebia as entregas, o de óculos, veio me procurar. Ele acha que eu estou fazendo entregas aqui na faculdade e me ameaçou também.

Marcus ficou em silêncio, fingindo procurar um livro na estante.

Rita olhou para ele e estreitou os olhos.

— Você já sabia — disse ela.

— Do quê?

— Do cara de óculos. Você já sabia. Alguém te contou. Você tem alguém infiltrado aqui!

— Rita, já conversamos tempo demais. Jefter pode estar por perto, nos observando. Pegue este livro. Me liga se algum deles te procurar novamente.

Colocou nas mãos dela um livro sobre os pintores renascentistas e sumiu entre as estantes.

37

Jefter sabia como deixar uma pessoa com os nervos à flor da pele. Se não bastasse aparecer na biblioteca, ameaçá-la para que voltasse a fazer as entregas, deixar aquela fotografia na ONG, ele voltou a persegui-la de moto. Várias vezes um motoqueiro com roupa de chuva, capacete e moto pretos passou por ela. Pelo menos Jefter teve a decência de não tentar atropelá-la. Passava quando estava indo para a faculdade, quando descia do ônibus e caminhava para casa. Ele havia tirado a placa da moto para não ser identificado.

Na quinta-feira, Jefter simplesmente se superou: enviou para Rita, na ONG, um enorme buquê de rosas vermelhas salpicadas com purpurina, envoltas em um papel dourado com um grande laço marrom. E um cartão. Ela guardou o cartão no bolso da calça e implorou ao rapaz da floricultura para sumir com o buquê. Ele fez cara feia para Rita, como se ela fosse uma mal-agradecida, destruidora de sentimentos alheios, esnobe e se recusou a levar as flores.

Os olhos de Maria brilhavam. Disse que em trinta anos de casamento o marido nunca tinha lhe dado uma rosa sequer. Rita entregou-lhe o buquê e pediu que o levasse embora, porque ela tinha que ir para a faculdade e não podia andar com aquilo no ônibus. Maria levou o buquê, faceira, para a copa. Rita torceu para que ninguém mais tivesse visto as flores.

No intervalo entre uma oficina e outra, fez uma pausa para o café e pegou Diego observando o buquê deixado na copa.

— Admirador secreto? — disse Diego apontando para as flores.

— Não são minhas! — Rita apressou-se para explicar. — Foi o marido da Maria. Trinta anos de casamento...

Teve um leve pressentimento de que ele não tinha acreditado naquela desculpa, embora não tenha feito mais nenhuma pergunta.

— Vou tocar no barzinho da faculdade amanhã — convidou ele. — Você vai?

— Claro! Vou sim.

— Vou te esperar, então.

Diego saiu da sala com uma xícara de café e Rita teve vontade de chorar. Ela estava apaixonada por ele e, depois de ter visto as flores, ele certamente estava chateado. Decidiu que teria que dar um jeito em Jeffer o mais rápido possível ou ela nunca teria paz. Pegou o cartão que tinha colocado no bolso e ligou para o número de celular escrito no papel.

— Gostou das flores?

— O que é que você quer, seu idiota? — Rita não estava a fim de conversa.

— Presta atenção. Você vai até o ginásio da faculdade, porque vai rolar um campeonato de basquete com umas equipes de outras cidades. Senta na arquibancada e me espera. Às oito. Nem preciso te dizer para ir sozinha.

Faltando quinze minutos para as oito, Rita foi para o ginásio. Como Jeffer falou, havia vários ônibus de outras faculdades e muita gente diferente. O ginásio estava lotado. Pensou que seria impossível encontrá-lo no meio de tanta gente. Não foi preciso. Seu celular tocou.

— Estou atrás do ginásio, no estacionamento dos ônibus.

Rita o encontrou encostado na traseira de um dos veículos.

— Quando eu te conheci você era tão sem-gracinha... mas a faculdade te fez bem. Você tá uma gata.

— E, quando eu te conheci, você parecia ser um cara legal. Mas é um idiota. Eu não caio mais na sua conversinha. Anda, diz logo o que você quer.

— Você é muito mal-educada. Nem agradeceu as flores que eu mandei... Enfim, vamos ao que interessa. Um cara chamado Alex vai te ligar.

— Quem é ele?

— Não te interessa. Ele vai te ligar e você vai entregar a droga pra ele.

— E onde eu vou pegar a droga? E onde eu vou entregar?

— Você vai entregar aqui mesmo na faculdade. Nem precisa mudar a sua rotina. Basta ser discreta. Você vai receber um presente, vai dizer para todo mundo que é do seu namorado, trazer para cá e fazer a entrega. Simples.

— Não, Jefter, não é simples. É complicado.

— Só se for para você. Se fizer tudo certinho, não vai ter problema. Ah, e acho melhor você se livrar daquele seu namoradinho metido a cantor. Pode ficar meio difícil ter que explicar os presentes.

— Jefter, eu te odeio!

— Eu sei. Mas não me importo.

Rita deu meia-volta e, antes de começar a se afastar dele, virou-se e disse:

— E para de tentar me assustar com a moto. Eu já conheço esse seu truque barato!

Assim que chegou em casa, Rita ligou para Marcus e contou toda a conversa que tivera com Jefter. Ele pediu que ela aguardasse suas instruções.

38

Durante todo o dia, Rita não se encontrou com Diego na ONG. Enquanto ela estava em uma oficina, ele estava em outra. Se ela estava no intervalo, ele estava na sala do senhor Fernandes. Ele saiu mais cedo que ela, provavelmente para se preparar para a apresentação de mais tarde.

Rita passou em casa antes de ir para a faculdade. Tomou banho, escovou os cabelos, maquiou-se, vestiu calça *jeans* mais ajustada ao seu corpo, uma camiseta *baby-look* branca com decote V, um casaquinho *pink*. Completou o *look* com um colar maior, brincos discretos e uma sapatilha preta. Inspirou-se nas garotas descoladas da faculdade, que normalmente saíam do trabalho, iam para a aula e esticavam até o barzinho.

Diego já havia montado seu equipamento e estava afinando o violão. As garotas estavam em um grupo menor que da outra vez, mas ainda assim formavam um conjunto bem animado. Amanda estava com elas, mas não conversou com Rita. Estava séria, não tirava os olhos do celular, lendo e respondendo mensagens o tempo todo. Imediatamente, Rita imaginou que ela estava assim por ter sido ignorada, dias antes, na biblioteca.

Conseguiram encontrar uma mesa mais perto do pequeno palco. Enquanto as garotas se acomodavam em suas cadeiras, Rita andou até ele.

— Oi!

— Oi...

Diego parou de tocar e abriu um sorriso, colocando o violão no suporte.

— Achei que você não viria.

— Como não vir? Adoro ver você tocar.

— É que achei... esquece.

Rita sabia que ele ia mencionar as flores.

— Trouxe uma coisa para você.

Ele foi até o palco e voltou com uma rosa.

— Não é um buquê com uma dúzia de rosas, mas...

— Eu adorei. Eu trocaria um caminhão daquelas rosas por esta aqui.

Rita cheirou a rosa. Quando ela levantou a cabeça, Diego se aproximou e lhe deu um beijo. Foi um beijo leve, um encostar de lábios, mas que roubou todo o seu ar. Ouviu as colegas gritarem “uhu” na mesa e praticamente todos no barzinho começaram a aplaudir.

Diego a abraçou e sussurrou em seu ouvido.

— Fica comigo até eu terminar de tocar. Depois eu te levo em casa.

— Não posso. Mas promete que vai se comportar quando eu for embora?

— Com certeza. Ninguém mais aqui me interessa. Agora eu tenho que começar ou o dono vai reclamar e descontar do meu cachê.

Eles trocaram um beijo rápido e, sob aplausos, Diego começou a tocar as músicas do repertório.

As colegas da mesa ficaram espantadas com a novidade.

— Então quer dizer que você e o carinha do violão... Bonito, né, Rita. Ficou escondendo o jogo, “é só o carinha que trabalha comigo”.

— A gente está se conhecendo...

— Mas eu achei tão fofo vocês dois juntos. E a rosa? Tão... romântico. Olha! Ele não tira os olhos de você.

Diego tocava, cantava e olhava para Rita. E praticamente o barzinho todo ficou olhando para ela. Depois da primeira música, eles foram se esquecendo de Rita e até mesmo de Diego.

No final de semana, Rita não desgrudou do celular. Além do barzinho na sexta, Diego ainda tocou em um casamento no sábado, em uma pizzaria no domingo. Rita ficou enciumada ao pensar nas mulheres que estavam na festa ou mesmo na pizzaria e chegou a comentar isso com Diego. Ele a tranquilizou dizendo que, em ambos os casos, ninguém reparava nos músicos.

39

Antes da primeira oficina do dia, Rita e Diego foram para o pátio, puxaram duas cadeiras e aproveitaram os primeiros raios de sol e o friozinho da manhã. Abraçados, conversaram sobre eles, concordaram que deveriam contar para o senhor Fernandes que estavam namorando. Queriam evitar fofocas, embora, até onde sabiam, não era proibido o relacionamento entre funcionários da ONG.

Rita estava feliz, mas não podia dizer que era uma felicidade plena. Ainda tinha questões a resolver. O que estava prestes a fazer poderia pôr a perder o relacionamento que estava tentando construir e arruinar sua reputação perante as pessoas que confiavam em seu trabalho. Só tinha certeza de uma coisa: na primeira oportunidade, ela acabaria com Jefter. Quem sabe, só então, além da felicidade ela encontrasse a paz.

Por volta das três da tarde, Rita foi chamada à recepção. Tinha recebido uma encomenda. Imaginava uma caixa ou uma sacola. Não estava preparada para dar de cara com um urso de pelúcia de noventa centímetros de altura com um laço vermelho no pescoço segurando um coração com a frase “Eu te amo”. Devia ter imaginado que Jefter não iria facilitar as coisas para ela.

— Minha encomenda chegou! Que lindo! — disse Rita, simulando euforia.

— Achei que era presente do mesmo admirador secreto das flores. — Maria, com certeza, já estava de olho no ursão.

— Não, não, Maria. Este eu encomendei para a minha amiga, Malu. É aniversário dela. Ela é uma amigona, quase irmã. Quis comprar um presente do tamanho da nossa amizade. Acho que exagerei um pouco, né?

— Claro que não. Ela não é sua amigona? Então ela merece.

— Merece mesmo. O problema é que eu preciso cobrir ele, enrolar em alguma coisa para levar para casa. Já imaginou se ela me vê carregando este bichão? Vai saber na hora que é pra ela.

— Você poderia usar aqueles pedaços de TNT que sobraram da decoração da festa junina. Eles estão limpinhos, eu lavei tudo e guardei. Fiquei com pena de jogar fora, sabia que ia ser útil para alguma coisa...

Rita levou o urso para a copa e esperou Maria aparecer com o TNT. Depois de bem enrolado já não era possível dizer que ali havia um urso de pelúcia. Pediu para deixá-lo ali mesmo até a hora de ir embora. Para seu alívio, Diego saiu mais cedo com o senhor Fernandes para ajudá-lo com a compra de novos instrumentos musicais.

Assim que teve um tempo, ligou para Jefter.

— Não dava pra ser mais discreto?

— Ah, não. Desta vez eu queria algo bem chamativo, porque, quanto mais as coisas estão na cara das pessoas, menos elas enxergam. E quem iria desconfiar de uma garota carregando um urso de pelúcia grande e fofo? Vamos, admita, ficou perfeito, não ficou? A costura ficou impecável. Vai dar pena quando tiverem que abrir o bichinho para tirar o recheio.

— Tá bom, Jefter. E agora, o que eu faço?

— Liga para o Alex, o número está escrito dentro da fita vermelha do urso. Diga que a encomenda chegou. Marque um lugar na faculdade e entregue.

— Só isso?

— Só. Não é difícil. Você já fez isso várias vezes.

— Babaca. — Rita encerrou a ligação.

Procurou um número em sua agenda e ligou.

— Acabei de receber. Você não vai acreditar onde ele colocou a encomenda. Rita ouviu com atenção as instruções.

— Já estou enviando para você — disse ela.

Conforme instruções, o urso foi fotografado com o celular e a imagem enviada. Torcia para que o plano desse certo.

Às cinco e meia Rita deixou a ONG. Saiu por um portão lateral com a pasta da faculdade em um braço e o urso no outro, ainda escondido sob o TNT. Em segundos um carro preto com os vidros cobertos por películas estacionou. O motorista abriu a janela e ela entregou o urso. Recebeu dele um urso igual. A troca durou segundos. O carro dobrou a esquina e sumiu do campo de visão de Rita. Ela caminhou até o ponto do ônibus de sempre, a caminho da faculdade, segurando um urso de pelúcia nos braços.

Rita sentiu o telefone vibrar durante a aula e se retirou da sala para atendê-lo.

— ONDE ESTÁ A ENCOMENDA?!

— Aqui comigo.

— E POR QUE NÃO ENTREGOU AINDA?!

— Desisti.

— E DESDE QUANDO VOCÊ DESISTE DE FAZER UMA ENTREGA?!

— Desde agora. Eu desisti. Não vou entregar.

Jefter gritava todo o tipo de xingamento e palavrão para Rita, mas dessa vez ela não iria se abalar.

— Jefter, eu não quero mais fazer isso. Não vou deixar você me usar de novo. Eu quero você fora da minha vida. Para sempre.

— Você é a sua vida patética. Liga para o Alex e faz essa entrega de uma vez. É tão simples! Por que você complica as coisas, Rita?

— Eu já disse, eu quero você fora da minha vida. Na verdade, eu estou pensando em ir até a polícia com este urso e contar tudo que eu sei, porque, se é para me humilhar, para expor os meus podres, eu não preciso de você, Jefter. Se é para acabar com a minha vida, pode deixar que eu mesma faço!

— Tá, tá bom, Rita. Eu vou te deixar em paz. Deixa a polícia fora disso. Nem você e nem eu queremos nos expor. Você tem muito a perder se esse lance da gente vazar.

— Concordo com você. Acho que nem eu nem você precisamos colocar a polícia no meio. Vem aqui na minha sala, eu te entrego o urso e você desaparece da minha vida.

— Não.

— Não? — Rita ficou surpresa.

— Fica com ele mais um pouco. Talvez seja melhor você levá-lo para casa.

— Levar esse urso para a minha casa? Por quê?

— Talvez ele esteja mais seguro com você no momento. Mas não faça nada com ele, não faça nenhuma besteira. Eu entro em contato com você para pegá-lo, ok?

Jefter desligou. Mal a ligação foi encerrada, o celular de Rita tocou de novo.

— O que foi que aconteceu?

— Ele disse para eu levar o urso pra minha casa. O que ele pretende com isso, Marcus?

— Não sei ao certo. Vamos ver qual vai ser o próximo passo dele.

— Será que ele está aqui no *campus*?

— Nenhum sinal dele no prédio de artes e nos arredores. Tem P2 na biblioteca, nos restaurantes universitários e no ginásio.

— Marcus, estou com um mau pressentimento... Acho que ele está desconfiado de alguma coisa.

— É possível. Volte para a sala de aula, aja normalmente. E não se preocupe. Estamos bem perto de você.

40

Na hora de pegar o ônibus para ir embora, Rita passou por uma caçamba de entulho e teve que segurar a vontade de arremessar o urso lá dentro. Só de pensar em ter que carregá-lo até em casa, dentro do ônibus cheio, já lhe afloravam instintos assassinos. Teria que inventar uma boa história para contar à sua mãe que justificasse aquele urso.

Rita foi a única a descer no ponto de ônibus. Uma tábua velha sobre dois pedaços de concreto servia de banco para os passageiros e foi ali que ela deixou cair o urso, a bolsa e a pasta com os materiais da faculdade. Os braços, as costas e o pescoço doíam de cansaço e tensão. Colocou a bolsa em um ombro, segurou a pasta com uma mão e abraçou o urso. Deu poucos passos e, antes de chegar à esquina, um Fiat Uno branco veio em sua direção no sentido contrário e avançou sobre a calçada. Rita correu em direção ao ponto de ônibus para tentar se proteger.

— Rita!

Jefter já estava fora do carro e caminhava em sua direção.

— Me dá esse urso! — Ele se aproximava rápido, com os braços esticados.

— Pega! E me deixa em paz! — Rita nem esperou ele se aproximar e arremessou o brinquedo em sua direção.

Com uma faca, Jefter rasgou o peito do urso e retirou o enchimento.

— Cadê a droga? Cadê a droga?!

— Como é que eu vou saber? Foi você que me deu isso!

Jefter veio na direção de Rita com a faca empunhada, pronto para atacá-la.

— Chega, Rita! Eu vou acabar com vo...

Uma moto preta, com um motoqueiro vestido de preto, aproximou-se e, se Jefter não tivesse dado um pulo para trás, teria sido atropelado. O motoqueiro fez a volta, desembarcou e jogou a moto no chão. Caminhava rápido na direção deles.

Jefter começou a rir.

— Eu sabia! — Ele ria e batia palmas.

Os olhos de Rita iam de Jefter para o motoqueiro. Estava perplexa, não entendia o que estava acontecendo. O que era aquilo? Jefter tinha um comparsa? Ou era um inimigo?

— Anda, tira esse capacete! — ordenou Jefter.

O motoqueiro soltou a tira do capacete que passava embaixo do pescoço. Conforme retirava o acessório, cabelos loiros e longos caíram pelos ombros. Depois, jogou-o no chão com força.

— Quando a Rita me acusou de usar o truque da moto, eu sabia que só poderia ser você. Me conta, Debby, quando foi que você saiu da cadeia?

— Estou fora da cadeia tempo suficiente para tentar te encontrar — ela disse entre dentes, mastigando as palavras com raiva —, mas acho que não vou demorar muito para voltar.

De dentro da jaqueta, ela retirou uma arma e apontou para Jefter.

— O que é isso, Debby? Estou tão feliz por você estar livre! Nós formamos uma dupla e tanto. Só estou acertando umas coisinhas aqui com a Rita e...

— CALA A BOCA! — Debby apontava a arma para Jefter e tremia. — Você me enganou! Você me usou! “Você vai ganhar muito dinheiro”, não foi isso que você me disse? Eu poderia estar morta numa hora dessas!

— Foi um mal-entendido, Debby. Mas que bom que você conseguiu escapar.

— Escapar? Eu fui presa no aeroporto! Só não fui parar no corredor da morte porque não embarquei. Mas sabe o que eu fiz? Eu contei pra polícia.

Eu contei tudo, eu contei cada podre seu. Eu negocieei a minha liberdade. E agora eu vou te matar, seu desgraçado.

— Debby, não... — Rita tentava evitar uma tragédia. — Você vai acabar com a sua vida, vai ser presa novamente. Ele não merece tanto.

— Ele disse que me amava.

As lágrimas borravam o lápis e o rímel preto, escorrendo pelo rosto.

— Por que você está defendendo ele, Rita? A gente tramou contra você. Eu roubei o seu namorado para que ele pudesse te usar como mula!

O peito de Rita doeu ao ouvir aquilo. Eles não tinham o direito de ter feito aquilo. Não simpatizava com Deborah e, depois daquelas revelações, teve vontade de arrancar a arma das mãos dela e atirar nos dois.

Vários carros chegaram em alta velocidade e cercaram o lugar onde os três estavam. Do carro preto com película saiu Marcus e... Amanda?

— Deborah, por favor, me entregue a arma.

Marcus levantou os braços e se aproximou lentamente.

— Ele vai para a cadeia e vai pagar pelo que fez com você e com a Rita.

— Rita... Rita... Todo mundo protege a Rita — disse Deborah. — Ele ia me mandar para o corredor da morte... E ela? Ela ficou livre, foi para a faculdade... ninguém fez nada com ela!

— Deborah... — Marcus continuava a se aproximar com cuidado.

Deborah sentia-se pressionada, abandonada, traída. Todos diziam para ela que tudo ficaria bem, mas ela não acreditava. Teria que dar mil explicações sobre aquela arma, seria presa novamente, seria humilhada...

— ... e vai ficar tudo bem — continuava Marcus. — Deborah...

Deborah atirou em Jeter. Depois apontou a arma para Rita e atirou. Protegido pelo colete à prova de balas, Marcus se jogou na frente de Rita, conseguiu abraçá-la e jogá-la no chão para que o tiro não a atingisse. Rapidamen-

te, Deborah foi imobilizada por Amanda e desarmada. Outros dois policiais que estavam na operação acionaram a emergência.

Os tiros chamaram a atenção dos vizinhos, que em minutos já lotavam a rua.

41

De manhã cedo a mãe de Rita ligou a televisão para assistir ao jornal. Quando Rita sentou para tomar café, era exibida uma reportagem sobre a briga de um casal que terminou com um policial baleado.

— Rita, minha filha, então a briga do casal foi feia, né?

— Nem me fale, mãe. Como eu contei para a senhora ontem, eu nunca gostei muito da Deborah, mas eu nunca imaginei que ela fosse fazer uma coisa dessas.

— E o rapaz que estudava com você, esse que foi baleado, disseram que era envolvido com drogas...

— Não era boa coisa. Ainda bem que vai para a cadeia.

— Que perigo você vir da faculdade tão tarde e ver tudo isso. O que é que a polícia disse para você? Eles vão querer ouvir o seu depoimento, saber o que você viu?

— Eu falei com eles ontem, lá mesmo no ponto do ônibus. Eles ficaram com o número do meu celular. Disseram que, se precisar, vão ligar.

— Tomara que não liguem. Deus me livre, eu nunca entrei em uma delegacia.

Rita foi para a ONG e às onze horas pediu licença para ir ao hospital. Era horário de visitas. Depois de bater na porta e pedir licença, entrou. Marcus estava sentado na cama, com o braço enfaixado. Na poltrona estava Amanda.

— Oi — disse Rita, timidamente.

— Oi, Rita — respondeu Marcus.

— Oi, Rita. — Amanda se levantou da poltrona e a abraçou. — Como você está?

— Assustada. Eu não imaginava que a Deborah fosse capaz... se não fosse o Marcus, eu...

— Ela estava magoada, com raiva. E só complicou ainda mais a situação dela... — Amanda parou de falar. — Rita, eu acho que eu não me apresentei direito, né? Eu sou a Amanda e sou investigadora.

— E minha noiva — Marcus completou.

— Noiva? — Rita olhou para Marcus, surpresa. — Parabéns!

— Obrigado. Tivemos informações de que o Jefter estava de volta à cidade e imaginamos que ele fosse te procurar. A Amanda se prontificou para trabalhar disfarçada. Ela já estava a par do caso. Desculpe, fizemos tudo para a sua segurança.

— Eu sei. E sobre ontem, os depoimentos...

— Vamos tentar te envolver o mínimo possível. Jefter tem muito o que explicar e vamos ter que analisar a situação da Deborah.

— E você? Está bem? — perguntou Rita, demonstrando preocupação.

— Foi um tiro de raspão no braço. — Marcus apontou para o curativo.

— E o Jefter?

— Vivo, fora de perigo. Vai responder por tráfico de drogas e de pessoas... Ele está bem enrolado.

Por alguns instantes o quarto ficou em silêncio e Rita sentiu que era hora de partir. Tinha, antes, uma última pergunta.

— Por acaso, tem mais algum agente disfarçado? Na faculdade, na ONG... Marcus riu. Sabia exatamente onde ela queria chegar.

— O Diego não é policial, não se preocupe. Ele é músico, curso superior completo, não tem passagem pela polícia, nunca teve envolvimento com nada ilícito, mora com os pais, o CPF dele é...

— Eu não acredito que você levantou a ficha dele!

— Pode acreditar. Eu não iria deixar você namorar um babaca. E mais uma coisa: ele não ficou com nenhuma garota nos lugares que tocou no final de semana. O rapaz é sério e está realmente apaixonado por você. Ele até comprou...

— *Ok*, Marcus. Agradeço a preocupação, mas, de agora em diante, eu mesma quero descobrir mais coisas sobre o Diego.

— Se cuida, Rita!

Rita saiu do hospital aliviada. Ainda assim, sabia que seus problemas não estavam todos resolvidos. Uma investigação seria aberta, seu nome certamente citado. Teria que prestar depoimentos, abrir feridas, encarar Jeter e Deborah novamente. Mas decidiu que faria tudo do jeito certo, sem esconder mais nada das pessoas que amava. Primeiro, conversaria com a mãe, em busca de apoio. Depois contaria tudo a Diego. Não iria começar um relacionamento baseado em mentiras.

Rita dispensou o ônibus e preferiu seguir a pé para a ONG. Colocou os fones e escolheu no celular uma música da *playlist*. Uma música dos anos 80, uma das que Diego tocava no barzinho.

Caminhando, deixou que o som da guitarra embalasse seus passos e sonhos.



Cristiane Dias é licenciada em Letras – Português/Inglês e especialista em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas. A autora é professora da rede estadual de educação de Santa Catarina e vencedora do Prêmio Educador Nota 10 (2018). Escritora com diversos textos premiados, entre os quais “A árvore”, publicado na coletânea do Prêmio Sesc de Contos Infantis Monteiro Lobato (2008). Seu livro *Ouro negro* (Virtual Books, 2015) conta a história das escolheiras de carvão na região sul de Santa Catarina.

Uma obra literária juvenil que possa ser contemplada em um prêmio como este — o IV Prêmio Ufes de Literatura — talvez seja, antes de tudo, uma obra em que se reconheça o manejo hábil e criativo dos recursos linguísticos, que dialogue de maneira não submissa com a tradição literária (particularmente, com a tradição juvenil, na qual se inscreve), que desperte a atenção de um (potencial) leitor em formação para as relações íntimas em sua articulação com as dinâmicas sociais nas quais toma parte ou nas quais poderia tomar, mobilizado pela dinâmica ficcional do “E se?”. Foi isso, principalmente, o que nós, membros do júri, enxergamos em *As matrioskas*, da escritora Cristiane Dias, de Santa Catarina. O leitor tem em mãos uma obra que nos divertiu, nos instigou, nos fez divergir, nos fez explicitar (muitas vezes, antes de tudo, para nós mesmos...) os critérios que presidem o julgamento crítico de qualquer texto literário. É o mesmo movimento desafiador e prazeroso que desejamos àqueles que vierem a desvendar essa tão instigante imagem colhida, com muita propriedade pela autora, de (aparentes?) bonecas que guardam surpresas, que guardam segredos, que guardam mistérios.

Benedito Antunes (Unesp)

Fabiane Verardi (UPF)

Maria Amélia Dalvi (Ufes)